

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
SOCIEDADE DE PSICODRAMA DE SÃO PAULO
FERNANDA MARTINS BAEZA PINHAL

MITOS FAMILIARES E LÓGICAS AFETIVAS DE CONDUTA: A
RESSIGNIFICAÇÃO DO MITO PELO AFETO.

SÃO PAULO
2018

FERNANDA MARTINS BAEZA PINHAL

**MITOS FAMILIARES E LÓGICAS AFETIVAS DE CONDUTA: A
RESSIGNIFICAÇÃO DO MITO PELO AFETO.**

O presente trabalho de conclusão de curso é resultado do curso de Pós-graduação Lato Senso Especialização: Formação em Psicodrama, da Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, convênio com a Sociedade de Psicodrama de São Paulo, como requisito à obtenção do título de Especialista. Orientador: Prof. Dr. Pedro Henrique D’Avila Mascarenhas.

SÃO PAULO

2018

FERNANDA MARTINS BAEZA PINHAL

**MITOS FAMILIARES E LÓGICAS AFETIVAS DE CONDUTA: RESSIGNIFICANDO
O MITO PELO AFETO.**

O presente trabalho de conclusão de curso é resultado do curso de Pós-graduação Latu Senso Especialização: Formação em Psicodrama, da Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, convênio com a Sociedade de Psicodrama de São Paulo, como requisito à obtenção do título de Especialista.

COMISSÃO EXAMINADORA

Parecerista: Prof^a M.a Maria Célia Malaquias

Parecerista: Prof. Dr. Aníbal Mezher

Orientador: Prof. Dr. Pedro Henrique D'Avila Mascarenhas

SÃO PAULO, 10 de agosto de 2018.

Agradecimentos

Aos meus pais, Edna e Benedito, que sempre ensinaram pelo afeto e incentivaram que eu fosse sempre mais do que poderia imaginar.

A minha avó Maria de Lourdes e tia avó Emília, que cuidaram de mim quando meus pais precisavam trabalhar, são minha referência de luta e doação de si.

Aos meus irmãos, Amanda e Gabriel, que me ensinaram quando criança que em grupo de apoio é mais possível enfrentar as dificuldades. Parceria para toda a vida.

Meu marido e amigo Leandro, pelo amor e cuidado de todos os dias. Sem seu incentivo e apoio esta conclusão de curso teria sido muito difícil.

Ao orientador Pedro Henrique D'Ávila Mascarenhas por sua paciência, dedicação e orientação.

A cliente Joana, que possibilitou a realização desta pesquisa, emprestando sua história familiar para o estudo.

Aos professores do curso de especialização em Psicodrama, muito obrigada pela dedicação e carinho.

Agradeço também a Turma Telúrica, tutes, pela parceria no processo de vivências e estudo.

Aos pets Sansa e Snow, pela companhia nos momentos de escrita.

RESUMO

A presente pesquisa trata-se de um estudo de caso clínico, originado do relato de uma cliente acerca de sua crença familiar, em que o destino das mulheres de sua família é de serem sempre abandonadas pelos homens. A partir deste relato surgiram questionamentos sobre a construção desta crença, o mito familiar, e a afetação nos papéis e vínculos da cliente. Com este questionamento foi possível investigar não só a construção do mito, mas também como ele se manifestava nos papéis, assim neste trabalho é feito a correlação entre mitos e o conceito de lógicas afetivas de conduta, que são os comportamentos apreendidos dos afetos vividos pelo indivíduo. Esta reflexão trata-se também do olhar para os atravessamentos de contextos sócio-histórico-culturais, ou seja, este mito familiar das mulheres serem abandonadas pelos homens é construído também por contextos de uma sociedade patriarcal e suas regras impostas aos papéis do ser mulher e do ser homem.

Palavras-chave: Psicodrama, psicodrama bipessoal, mitos familiares, lógicas afetivas de conduta, gênero, machismo.

ABSTRACT

The present research is a clinical case study, originated from a client's report about her family beliefs, in which the destiny of the women in her family is to be always abandoned by men. From this report questions about the construction of this belief, the family myth, and the affectation in the roles and ties of the client appeared. With this questioning it was possible to investigate not only the construction of the myth, but also how it manifested itself in the roles, therefore in this work the correlation between myths and the concept of affective logic of conduct is made, which are the seized behaviors of the affections experienced by the individual . This reflection is also about looking at the crossings of socio-historical-cultural contexts, in other words, this family myth of women being abandoned by men is also constructed by contexts of a patriarchal society and its rules imposed on the roles of being woman and of being a man.

Keywords: Psychodrama, bipersonal psychodrama, family myths, affective logics of conduct, gender, chauvinism.

SUMÁRIO

1 Introdução	8
2 Método	11
2.a) Metodologia e método	12
3 Capítulo um: Apresentação do mito familiar do estudo de caso	15
3.a) Contexto histórico do mito familiar de Joana	15
4 Capítulo dois: Conceitos Morenianos fundamentais para este estudo	20
5 Capítulo três: Conceito de mito	24
5.a) Diálogo entre autores	24
5.b) Realidade e mito	26
5.c) Mito familiar	31
6 Capítulo quatro: Lógicas afetivas de conduta	35
6.a) Transferência	36
6.b) Lógicas afetivas de conduta	40
7 Capítulo cinco: Pesquisa realizada	45
7.a) Encontros realizados	45
7.b) Fragmentos da história de vida da Joana	47
7.c) Resumo final dos relatos	49
7.d) Cenas psicodramáticas	52
8 Considerações finais	58
Referências	60

1. Introdução

A presente pesquisa, sem intenção de esgotar a reflexão acerca do tema em questão, trata-se de dois conceitos principais que se entrecruzam: os mitos individuais e coletivos, com ênfase nos mitos familiares, e as lógicas afetivas de conduta. Veremos no decorrer deste estudo a relação entre estes dois conceitos com o recorte de um estudo de caso de atendimento bipessoal clínico.

O tema de pesquisa, mito familiar e lógicas afetivas de conduta, originou-se da inquietação pessoal e profissional, de como se dá a construção de mitos em nosso inconsciente, como estes podem enraizar-se em nosso mundo interno e a partir disso, produzir condutas conservadas em nossos papéis, podendo ser transferidos por gerações.

A inquietação pessoal possibilitadora do olhar sensível a acerca do tema é referente ao que é comum entre mim e a cliente, Joana, o papel de mulher. Papel este que é conservado culturalmente por dizeres do que uma mulher deve ser e fazer, tudo centralizado para o objetivo de conquistar o homem e formar uma família, sempre da forma mais passiva e conveniente ao homem.

Esta conserva cultural atravessa todas nós mulheres, em maior ou menor grau, e se não é presente no contexto familiar, são os professores e colegas na escola, sempre dizendo com o que podemos brincar, como devemos sentar, como devemos comer e falar, assim, limitando as possibilidades de nos relacionar e nos posicionar no mundo como seres espontâneos e criativos.

Quando a cliente apresentou o próprio mito familiar de que as mulheres da família são sempre abandonadas pelos homens, despertou em mim os momentos em que também me senti limitada pelo outro por ser mulher, e a partir deste sentimento a relação entre terapeuta-cliente se fortaleceu e foi possível trabalhar o apropriar-se do papel de mulher com a liberdade do fazer o que se quer, e não o que “se deve” segundo a cultura patriarcal impõe.

A inquietação profissional refere-se ao atendimento psicoterapêutico, em que pude entrar em contato com uma temática, mito familiar, que se mostrava tão forte nos

papéis e vínculos da cliente, e que como psicoterapeuta clínica, não havia identificado em outros atendimentos a importância do olhar para os comportamentos e situações que se repetem e que denunciam mitos que são apreendidos e que podem se tornar conservas sem que o indivíduo tenha consciência do porque tem determinado comportamento ou crença sobre si.

Encontrei no Psicodrama o embasamento teórico e prático para pesquisar junto com a cliente o mito relatado¹, e propiciar um encontro de Joana com sua história familiar, estudando os afetos, as conexões e os sentimentos de abandono que foram sentidos de maneira tão intensa, que constituíram-se em mito.

Entre as perguntas iniciais que propiciaram o desenvolvimento deste trabalho, destaco a que me possibilitou relacionar os dois conceitos principais da pesquisa, já citados acima. A pergunta: “quais são os efeitos desses mitos em nossos papéis e vínculos afetivos com o passar dos anos e das gerações?”.

Este trabalho é atravessado e agenciado por múltiplos contextos sócio-histórico-culturais: grupo familiar histórico, o vincular terapeuta-cliente, o psicodramático clínico bipessoal, o filosófico, o psicanalista e o movimento feminista.

Com estas diferentes abordagens para entender o humano e suas afetações, esta pesquisa tem por objetivo propor uma reflexão acerca do conceito de mito familiar e sua relação com o conceito lógicas afetivas de conduta, criado pela Psicodramatista Maria da Penha Nery.

Como linhas que amarram todo o estudo de caso, outros conceitos compõem a construção do presente trabalho. Assim, temos os conceitos Morenianos, de papel, a teoria do momento, conserva cultural e matriz de identidade.

Além da abordagem psicodramática, este trabalho teve como suporte a referência psicanalítica acerca do fenômeno transferência, que iluminou o caminho para entender a construção do mito familiar de geração a geração.

Outros conceitos que servem de auxiliares para a reflexão são as questões acerca do machismo e a luta do feminismo como questão de gênero e de valores éticos de uma comunidade. A filosofia também contribui com o olhar acerca das relações

¹ O mito familiar do caso estudado está descrito no capítulo 1.

como fluxo de conexões, o rizoma, sempre enredando novas formas de ser, construindo uma grande rede relacional e emocional.

Assim, a presente pesquisa tem a intenção de promover uma reflexão sobre os mitos trazidos pelos clientes no contexto clínico, pesquisar caminhos possíveis com o psicodrama para trabalhar os fatores de adoecimento nos papéis, que aparecem pelas lógicas afetivas de conduta do indivíduo.

Acredito que a reflexão acerca do tema proposto é importante para o profissional ter a escuta sensível e auxiliar o cliente a encontrar novas formas de relacionar-se com o mito transferido pelas gerações familiares, transformando a condição de adoecimento em potência de cocriação da história familiar.

2. Método

O presente projeto de pesquisa é fundamentalmente qualitativo, por investigar a dimensão da experiência humana: o contexto social e suas redes de relações.

Valéria Brito², em seu artigo “Um convite à Pesquisa: epistemologia qualitativa e psicodrama” diz sobre pesquisa qualitativa:

Pesquisadores afinados com esse movimento entendem a produção científica como empreendimento humano, necessariamente subjetivo, e procuram evidenciar seus objetivos e recursos em termos de sua repercussão para os demais membros da sociedade. (Brito, 2006.)

Assim, esta pesquisa tem em sua construção o sensível da relação terapeuta - cliente, os encontros e as afetações, amarrados com estudos e reflexões sobre o tema pesquisado: mito familiar no campo clínico.

Os encontros psicoterapêuticos foram os possibilitadores para que surgissem os questionamentos iniciais que norteiam este trabalho de pesquisa. Entendo o encontro com o cliente como momento de corresponsabilidade no tratamento, cocriação e coconstrução, sustentados no vínculo pela ética e o sensível da relação.

Moreno define a palavra “encontro” como:

Significa estar junto, reunir-se, contato de dois corpos, ver e observar, tocar, sentir, participar e amar, compreender, conhecer intuitivamente através do silêncio ou do movimento, a palavra ou o gesto, beijo ou abraço, torna-se um só: “una com uno. (Moreno, 1975.)

Entendo que toda pesquisa tem em sua construção de conteúdo as afetações do encontro com o outro, mesmo quando se trata de um trabalho teórico, que apresenta o encontro de reflexões de pessoas diferentes e singulares. “[...] Independentemente de seus objetivos ou objetos de pesquisa, toda ciência é social na medida em que se realiza como atividade humana socialmente construída.” (Brito, 2006).

² Valéria Brito é psicóloga Psicodramatista, Mestre e Doutora em Psicologia Clínica.

2. a) Metodologia e Método

[...] metodologia como o conjunto de pressupostos básicos que norteiam a pesquisa no que diz respeito à definição de sua natureza e dos meios válidos ou propícios à sua execução e método como o conjunto de recursos, técnicas de coleta, de análise e de comunicação das evidências empíricas. [...] A definição da metodologia norteia e baliza a escolha e aplicação do método e das técnicas da pesquisa. (Brito, 2006.)

A metodologia desta pesquisa de campo é a Socionomia, criada e desenvolvida por Jacob Levy Moreno. A Socionomia é o estudo das dimensões sócio-históricas, singulares e subjetivas do ser humano. Na citação acima Valéria Brito diz que a metodologia é o conjunto de pressupostos que norteiam o trabalho, e assim entendo a Socionomia em sua abordagem clínica como o conceito base e norteador para esta pesquisa.

O método utilizado nas sessões com Joana e no desenvolvimento deste trabalho foi o Psicodrama com atuação no campo clínico.

O Psicodrama estuda os sistemas sociais, relacionais e os vínculos afetivos destes. No campo clínico, a que este trabalho se fundamenta, o método psicodramático promove o cuidado pelo vínculo terapeuta-cliente, com escuta sensível e humanizada e fomenta em coconstrução e cocriação movimentos existenciais novos, tendo como ferramenta a dramatização para treino de papel, vivência de cenas imaginadas e/ou reais, oferecendo a possibilidade de experimentar cenas temidas (ou não) em um espaço protegido.

No método psicodramático, em seu campo clínico de atuação, o terapeuta é coparticipante e atua na promoção da cocriação pelo vínculo, buscando junto ao cliente novas respostas a processos adoecidos e antigos.

[...], Moreno legou uma forma de ciência em que o **como** determina o **quê**, ou seja, na qual o método de investigação gera a teoria e não apenas a coloca em teste. Não é por acaso que sua obra é reconhecida por seu método mais original de investigação, o psicodrama. [...] o psicodrama é uma metodologia original de pesquisa qualitativa da subjetividade, que valoriza muito mais a metodologia do que a teoria. (Brito, 2006).

Assim, o método, **como**, é a ferramenta inicial de uma pesquisa, por possibilitar um caminho investigativo e propiciar perguntas iniciais, que podem vir a ser tema de uma pesquisa, **o quê**.

Neste trabalho o método psicodramático foi o possibilitador para que o tema Mitos familiares surgisse no decorrer das sessões. Por meio das dramatizações realizadas e conversas, a crença de abandono como destino das mulheres da família emergiu. Assim surgiram as primeiras perguntas base desta pesquisa. “Porque o abandono é o destino apenas das mulheres?”, “Quem abandonou Joana?”.

Método e tema são indissociáveis por um ser extensão e criação do outro. Penso que a partir do momento que o tema é estabelecido, ele ressignifica o método, e assim tornam-se processo de cocriação.

Esta definição do tema, a partir do método, já discutido acima, é a primeira fase para a produção de um projeto de pesquisa.

“[...] **definição do tema** [...]. No caso específico dos projetos qualitativos, esse passo essencial demanda uma atitude reflexiva por parte do pesquisador, que deve questionar-se sobre as raízes subjetivas de seus interesses e explicitar ao máximo sua concepção de mundo e as circunstâncias concretas de sua experiência que ressaltaram a importância do tema escolhido.[...] o pesquisador qualitativo dará sentido ao fenômeno que se propõe a estudar; e é aí, ao se incluir como ser ativo e único, que ele assumirá a autoria de sua pesquisa, assumirá a primeira pessoa do singular.” (Brito, 2006)

Como pesquisadora no campo clínico, o interesse pelo tema surgiu de um questionamento sobre como se dá a construção de um mito na subjetividade do indivíduo e sua intensidade de atuação nos papéis de quem o vive.

O questionamento inicial desta pesquisa, de como se deu a construção do mito neste caso clínico específico, foi após as primeiras sessões com Joana, em que ela relatou a crença de que seria sempre abandonada pelos homens, pois segundo ela, é o que ocorre com as mulheres de sua família. No decorrer das sessões, pude observar que era uma crença familiar histórica, que se repetia, há três gerações.

Pesquisando este fator histórico, pude observar que houve um acontecimento, *status nascendi* do mito, que foi vivido de forma traumática pela avó, predecessora do mito

atual e que, a partir disto, criou-se uma crença organizadora da subjetividade familiar de que “homens abandonam”.

Esta crença organizadora da subjetividade, com origem na elaboração de um luto da avó, foi transferida como uma herança afetiva para as filhas e netas.

Nas primeiras sessões, como queixa inicial, Joana relatou relacionamentos amorosos com homens, em que sofria e sentia-se rejeitada. Ao investigar, com o método psicodramático, foi possível encontrar através de suas lógicas afetivas de conduta, a origem do mito e conseqüentemente, a origem do medo de ser abandonada/rejeitada pelos homens que se relacionava.

Estes foram meus interesses no meu papel profissional.

Há também um atravessamento pessoal, do meu papel de mulher. Senti um incomodo no poder simbólico deste mito, pois é também uma reafirmação da condição da mulher como “ser passivo”, em que sofre um abandono e por isso, precisa ser independente do homem, o “ser instintivamente impelido a abandonar”.

Segundo Valéria Brito, a segunda fase de um projeto de pesquisa são as perguntas suscitadas pelo pesquisador, no caso deste trabalho, psicoterapeuta. As primeiras perguntas norteadoras deste estudo são: o que é esta crença de abandono que Joana relata? Como este mito, carregado de subjetividade histórica familiar, foi construído?

Por fim, a terceira fase da elaboração desta pesquisa foi o momento de escolher as ferramentas do método psicodramático que seriam utilizadas.

O procedimento de investigação deste trabalho foram as entrevistas, conversas com escuta sensível e atenta, pronta para possíveis cenas, e enfim, a dramatização, que possibilitou o encontro de Joana com a origem de sua crença.

3. Capítulo um: Apresentação do mito familiar do estudo de caso

Mito é aquilo que nos guia por entre dificuldades do viver. Mito é o que nos referencia quando não há mais ideias e o pensamento parece não compreender o que ocorre. Mito é a chave do existir. (Reñones, 2002)

Esta pesquisa tem como um dos conceitos fundamentais e estruturais do estudo de caso, o conceito de Mito e de Lógicas Afetivas de Conduta. O caso clínico estudado é pensado com foco no mito familiar, que acompanha a família da cliente (que será referida como Joana), por três gerações: Avó - Mãe - Joana.

Joana está em atendimento psicoterapêutico sob meus cuidados desde 2016. A cliente tem 32 anos e é formada em serviço social e posteriormente em moda, sendo que atua em sua profissão no papel de designer de moda atualmente.

3.a) Contexto Histórico do Mito Familiar de Joana

O Mito familiar de Joana é transferido e reproduzido, segundo o relato da cliente, por três gerações de mulheres de sua família. Este mito familiar se constitui pela crença de que as mulheres da família são sempre abandonadas pelos homens e tem o dinheiro como representativo de independência feminina.

Acredito que esta crença do dinheiro como sinônimo de independência feminina faz parte de um contexto mercantilista que vende a ideia de quanto mais dinheiro, mais poder e liberdade. Porém viver sob apenas esta condição e aprisionar as outras multiplicidades de ser e existir, reduzindo ao único objetivo de ter dinheiro para não precisar do outro pode ser um fator de adoecimento emocional.

É importante destacar que este mito não só tem o aspecto interpessoal e afetivo da família da cliente, mas também é decorrente de outros mitos que habitam uma conserva cultural histórica de que a mulher precisa de um homem para sua própria sobrevivência física e emocional. Segundo essa cultura, a mulher deveria cuidar da casa e o homem deveria ser o provedor de alimento, moradia e conforto.

No processo psicoterapêutico a cliente pôde localizar um ponto de articulação do mito familiar com a história que a avó contou de sua vida com o marido e como elaborou o falecimento repentino deste.

Avó contou para neta que casou-se com o avô, construíram uma família, tiveram três filhos, entre eles a mãe de Joana. Em determinado momento, o marido ficou desempregado.

Segundo Joana, avó contou que como provedor responsável pela casa e família, o avô ficou muito preocupado e depressivo por conta do desemprego.

Seus avós vieram para o Brasil em um contexto de guerra no país natal. Quando as coisas estavam melhores no país de origem, avô ainda estava sem emprego no Brasil e então decidiram retornar com a expectativa de que lá ele iria conseguir emprego.

Joana conta que quando os avós e os filhos chegaram no país em que nasceram, o avô recebeu uma boa proposta de emprego. Esse novo emprego era numa cidade distante de onde estavam residindo, assim o avô ficava durante a semana em uma pensão próxima do trabalho e voltava para ficar com a família nos finais de semana.

Porém este novo emprego não ajudou a família a se reestruturar financeiramente como era o planejado, pois avó contou que marido foi enganado e não pagaram para ele o que tinha sido prometido, deixando a família com mais dívidas.

Avô não suportou a ideia de voltar mais um fim de semana sem dinheiro para comprar comida para família e ainda mais de ter que dar a notícia de ter ficado desempregado novamente.

Diante deste cenário de incertezas e, possivelmente, de muita cobrança interna, o avô de Joana não suportou e se suicidou.

Momento importante na história familiar da cliente, pois a partir da elaboração do luto pela avó o mito familiar foi construído.

A crença anterior ao suicídio do avô era pautada numa conserva cultural que regia o funcionamento de uma família, por volta de um século atrás: “A mulher é amparada financeiramente e emocionalmente pelo homem provedor”. A atualização da crença

após falecimento repentino do avô se deu para: “A mulher não pode depender financeiramente e nem emocionalmente de nenhum homem, pois estes abandonam”.

O acontecimento do suicídio e a elaboração do luto sofrido pela avó foram os fatores estruturantes deste mito familiar estudado.

Diante do relato da história familiar de Joana me surgem algumas perguntas, como: *Para a avó, o suicídio do avô foi uma agressão à família?* Segundo relato de Joana, avó deu a entender que para ela, o marido escolheu abandonar a família ao invés de lutar para mudar a situação financeira. *Já não estava lutando?*

Avô não pode continuar vivendo sem conseguir cumprir sua tarefa como provedor?

Possivelmente sentia que iria deixar de ser respeitado pelos outros homens e mulheres pelo momento cultural que vivia, mas *como seria visto pela família?*

Avô na situação do retorno ao desemprego estava novamente rompendo com valores fundantes da estrutura de sua identidade, o de ser o “homem provedor”. Pergunto-me se avô a partir deste contexto, não se reconhecia mais como o homem que aprendeu a ser. *Suicidou-se quando em sua concepção, já não existia mais?*

A meu ver, a avó transmitiu o mito para as próximas gerações como: *Os homens não são confiáveis...não se pode depender deles...são fracos... abandonam (desaparecem?).*

Após o suicídio do avô, a avó ficou com três filhos para criar, sem emprego, sem dinheiro e com dívidas. Resolveu voltar ao Brasil, onde tinha rede sociométrica de confiança e amigos que poderiam ajudá-la.

Como avó de Joana sabia falar fluentemente português, inglês e francês, ela conseguiu emprego com a função de secretária executiva de um diretor de banco.

Assim, começou a construir uma carreira, formou-se em secretariado e conquistou muitos bens para a família. Pagou as dívidas deixadas, comprou sua primeira casa própria, criou os três filhos, deixou casa no Brasil e no exterior como herança para as próximas gerações.

Segundo Joana, a avó é referência na família como exemplo de mulher forte e determinada.

Joana sempre teve a avó como uma amiga que dava conselhos. Diz que avó tinha a cabeça “pra frente”, moderna, sem preconceitos. “Uma mulher muito forte e guerreira”. A avó descobriu ser capaz de estruturar-se sozinha, ganhar seu próprio dinheiro.

Com o suicídio do avô, a matriarca precisou romper com o sistema conservado instituído e criar novos modos de ser, o que ressignificou o seu papel de mulher e o papel das outras gerações de mulheres desta família.

Avó cuidou de todos os filhos e mesmo com idade avançada, ainda se dispunha a cuidar dos netos, apesar de Joana lembrar bastante da avó reclamando do fato de ser sempre acionada pela família a cuidar do outro. Reclamava ao mesmo tempo em que cuidava.

Avó sempre dizia para neta que elas eram muito parecidas na forma de agir e nos gostos pessoais. E Joana sempre gostou de pensar que é mesmo parecida com a avó.

Aos oito anos de Joana seus pais se separaram e ela sentiu-se na obrigação de acolher a mãe e cuidar dela. Joana relatou que sentia que mãe não havia aprendido como ser forte e sim a sempre precisar de cuidados. Sentia a mãe como uma pessoa frágil. Mãe entrou em depressão profunda nessa fase.

Avó sempre repetia para Joana: “Nunca dependa de um homem financeiramente, estude e construa sua vida”. A neta seguiu o que aprendeu com avó, cuidou da mãe e estudou muito para construir uma carreira sólida, sempre muito racional.

O momento da separação dos pais foi também momento da consolidação do mito familiar transferido da avó para a mãe de Joana. A mãe, após a separação com o marido, chorava no colo da filha e dizia: “As mulheres dessa família são sempre abandonadas pelos homens”.

Joana cresceu com o mito familiar em seu inconsciente, criando conservas em sua conduta. O mito familiar delimitou que “não se pode depender financeiramente e

emocionalmente de nenhum homem” e que “as mulheres da família são sempre abandonadas pelos homens”.

Assim, entendo que a “lógica afetiva de conduta” de Joana se orientou em: “Preciso ser independente financeiramente e emocionalmente, ter uma casa própria como minha avó, assim não vou depender de nenhum homem. Em um relacionamento, preciso me sentir necessária para não ser abandonada como minha avó e minha mãe foram abandonadas”.

Esta história foi um processo de elaboração conjunta entre a cliente e a psicoterapeuta. É importante destacar que antes do processo psicoterapêutico a cliente não tinha clareza desta história nestes termos contados.

4. Capítulo dois: Conceitos Morenianos fundamentais para este estudo

Esta pesquisa é estruturada com a abordagem Moreniana, criada por Jacob Levy Moreno, pai da Socionomia, que segundo ele é:

Socionomia é a ciência da leis sociais (ou o equivalente moderno de “lei”). (...) A antiga dicotomia “qualitativo” *versus* “quantitativo” é resolvida na socionomia de nova maneira. O “qualitativo” está contido no “quantitativo”; não é destruído ou esquecido, mas, sempre que possível, tratado como uma unidade. (Moreno, 1974).

Com a Socionomia Moreno pôde unir a espontaneidade e criatividade das relações com a medição de seus potenciais, ou seja, o quanto uma pessoa contribui positiva ou negativamente em determinado grupo e como o grupo a vê (gosta, rejeita ou é neutro). A Socionomia, a meu ver, é o “entre” do quantitativo e o qualitativo.

Compõem a Socionomia:

A **Sociometria**, pesquisa a composição dos grupos e as escolhas dos indivíduos e assim busca compreender a formação destes mesmos grupos. Sociometria é método de pesquisa e organização social.

A **Sociodinâmica**, é o método que emprega a interpretação de papéis, “é a ciência da estrutura dos grupos sociais, isolados ou unidos”. (Moreno, 1974).

A **Sociatria**, é a sociometria aplicada. “Sociatria (do grego *iatreia* = terapêutica) é a ciência do tratamento dos sistemas sociais.” (Moreno, 1974). Na Sociatria estão o Psicodrama e o Sociodrama.

Em relação a este estudo de caso, foi utilizado o método do Psicodrama, como já abordado no capítulo metodologia.

Psicodrama coloca o paciente num palco onde ele pode exteriorizar os seus problemas com a ajuda de alguns atores terapêuticos. É um método de diagnóstico, assim como de tratamento. Um de seus traços característicos é que a representação de papéis inclui-se organicamente no processo de tratamento. [...] Mediante o seu uso, é possível chegar perto da solução de problemas da infância, assim como dos mais profundos conflitos psíquicos.

O psicodrama é a sociedade humana em miniatura, o ambiente mais simples possível para um estudo metódico da sua estrutura psicológica. (Moreno, 1975)

Segundo Moreno, “Psicodrama é uma tentativa de anular o dualismo entre fantasia e realidade, de restaurar a unidade original.”(Moreno, 1975). Destaquei este trecho em que Moreno conceitua o Psicodrama como método terapêutico que propõe o olhar para o “entre” que existe na dualidade fantasia e realidade, por entender que assim é também a conceituação sobre mito, não se trata de entender se é real ou fantasia, mas sim investigar o que há por trás de sua construção.

O atendimento clínico de Joana é embasado pela abordagem psicodramática, e utiliza as técnicas e conceitos vindos deste método, criados por Moreno.

Mais especificamente, se trata de um atendimento Psicodramático clínico no contexto bipessoal.

Por psicodrama bipessoal se designa a abordagem terapêutica oriunda do psicodrama, que não faz uso de egos auxiliares e atende apenas a um paciente de cada vez, configurando uma situação de relação bipessoal, ou seja, um paciente e um terapeuta. (Cukier, 1992).

É importante destacar que a ausência de egos auxiliares³ numa sessão de psicodrama bipessoal se dá sob a condição de não haver um segundo terapeuta para fazer o papel de ego auxiliar, no entanto o terapeuta pode exercer a função de ego auxiliar quando necessário, emprestando o corpo para a cena proposta pelo cliente.

Conceito de Papel:

O desempenho de papéis é anterior ao surgimento do eu. Os papéis não emergem do eu; é o eu quem, todavia, emerge dos papéis. [...] Toda e qualquer sessão psicodramática demonstra que um papel é uma experiência interpessoal e necessita, usualmente, de dois ou mais indivíduos para ser realizado. (Moreno, 1975).

³ Ego auxiliar é aquele que empresta o corpo para atuar nos papéis vividos ou desejados pelo protagonista em uma cena psicodramática. Segundo Moreno, as funções do ego auxiliar são: “(a) a função de ator, representando os papéis exigidos pelo mundo do sujeito; (b) a função de guia, um agente terapêutico, (c) a função de investigador social.” (Moreno, 1975).

O conceito de papel é uma peça importante para a compreensão da construção de um mito, por se tratar de um aspecto estruturante do homem. É no desempenho dos papéis psicodramáticos (os que são experimentados no “como se” de uma cena psicodramática) e sociais (os vividos pelo indivíduo) que o indivíduo entra em contato consigo e com o que está a sua volta, e torna-se capaz de construir histórias em seu imaginário, diante de suas experiências vividas em suas inter-relações.

O indivíduo é estruturado por seus papéis apreendidos e atuados, que implicam na formação dos vínculos desde sua matriz familiar, que é rede constitutiva e essencial para a formação da identidade do sujeito.

No livro, “Fundamentos de la Sociometría”, Moreno diz:

Cada papel aparece como fusão de elementos individuais e coletivos: resulta de duas classes de fatores, seus denominadores coletivos e suas diferenciações individuais. Pode ser útil distinguir a tomada ou aceitação do papel (role-taking), o desempenho do papel (role-playing) e a criação do papel (role-creating). (Moreno, 1962)

Todos os papéis que atuamos tem um complementar, assim o papel de mãe ou pai, existe porque tem seu complementar filha(o).

O papel contém em si modos de existir, a mãe ou pai por exemplo, tem o dever de cuidar, porém a produção de sentido de determinado papel também passa pela subjetividade e contexto sócio-histórico-cultural de quem está atuando, como citado acima “...denominadores coletivos e suas diferenciações individuais”.

Segundo Maria da Penha Nery:

Os papéis são formas de funcionamento do indivíduo em relação ao meio. No meio estão incluídos os objetos, a natureza, os animais, a tecnologia, as outras pessoas e o mundo interno da pessoa. Assim, por exemplo, quando o indivíduo caminha solitário pode desempenhar o papel de observador da natureza; o papel de “autoconfidente”, quando conversa consigo mesmo; ou o papel de pedestre, quando complementa o papel do motorista. (Nery, 1994).

O mito é transferido nos papéis do sujeito de forma subjetiva, e atua de forma inconsciente por meio de lógicas afetivas de conduta (ver capítulo 4). Joana tem em seu mito familiar, a crença de que “todas as mulheres da família são abandonadas

pelos homens”. Este mito irá habitar todos seus papéis, em alguns momentos um papel será mais afetado pelo mito do que os outros, dependendo do contexto, das relações e de seu mundo interno.

Teoria do Momento:

De maneira resumida, a categoria de momento foi criada por Moreno e trata-se de um olhar investigativo sobre as causas de um determinado conflito ou acontecimento. Fazem parte desta teoria os conceitos: Matriz - a estrutura de origem do acontecimento; *Locus* - o lugar do acontecimento; e *status nascendi* - o desenvolvimento a partir da matriz e do *locus*.

Este conceito será contextualizado nesta pesquisa no capítulo 4 sobre Lógicas afetivas de conduta.

Assim, estes conceitos teóricos de Moreno são fundamentais para a reflexão acerca do tema 9 desta pesquisa, mito familiar e lógicas afetivas de conduta. Os conceitos Morenianos aqui descritos são o contorno e a estrutura da prática clínica da terapeuta pesquisadora e o olhar humanizado e sensível para os conflitos relatados pela cliente. Assim, a pesquisa está nutrida do olhar moreniano da cocriação e corresponsabilização por cada processo experimentado, na vida vivida e no “como se” psicodramático clínico.

5. Capítulo três: Conceito de Mito

5.a) Diálogo entre autores

Neste capítulo será promovida uma conversa entre alguns autores do psicodrama e da filosofia para aprofundamento dos conceitos que dão luz ao tema pesquisado, alguns desses autores dialogam entre si pela primeira vez sobre estes conceitos, como Albor Vives Reñones e Maria da Penha Nery.

Iniciando com um apontamento de Bustos⁴, que em seu livro “Perigo, amor à vista”, constrói um estudo dos mitos arcaicos e os atuais sob o olhar psicodramático, para pensar relação de casal e família e diz algo significativo sobre Mitos, que será o passo inicial para a reflexão neste trabalho a respeito do conceito:

“Os mitos se inserem no espaço que o conhecimento deixa vazio.” (Bustos, 1990).

Este trabalho será pensado nesse espaço a que Bustos se refere, em que não há certezas ou concretudes. É o espaço do mito, dos afetos e das “lógicas afetivas de conduta”, entre tantas outras formas do ser, que estão no campo da subjetividade.

No espaço do não conhecido, o Mito paradoxalmente é construído de forma singular, individual e coletiva. Singular, pois é única em seu momento de criação, correspondendo sempre a vivência particular do indivíduo, com os atravessamentos de seus afetos e redes relacionais.

Individual e coletivo, pois Mito passa pelo uno e pelo múltiplo, de forma simultânea, é multiplicidade criada no “inconsciente” e no “coinconsciente” do indivíduo, por o mesmo estar sempre em relação.

Mito é cocriação de processos de subjetivação. É como raiz rizomática, que em sua etimologia vinda da botânica, é: “Caule frequentemente subterrâneo, horizontal, rico

⁴ “Dr. Dalmiro Manuel Bustos Nasceu em La Plata, Argentina em 9 de outubro de 1934. Formou-se na Universidade Nacional de La Plata em 1956 obtendo o título de doutor em Medicina. Formou-se pela Associação Argentina de Psicodrama e entre 1969 e 1974 viajava constantemente para Beacon para aprimorar sua formação em Psicodrama com seu criador Jacob Levy Moreno e sua esposa Zerka Toeman Moreno. [...] Em São Paulo cria uma filial do Instituto J. L. Moreno onde há mais de trinta anos passa dez dias no Brasil com vários grupos de aprendizagem (autodirigidos), terapia e supervisão, além de atendimentos individuais.” (<https://institutomomento.wordpress.com/category/dalmiro-bustos/>)

em substâncias de reservas, distingue-se da raiz pela presença de nós, gemas e escamas.”⁵ Não tem uma direção clara e definida, é raiz enredada (entrecruzamentos) e não centralizada.

É com embasamento na botânica que Deleuze e Guattari criam o conceito filosófico de Rizoma, que rompe com a lógica de centralização no “eu”, entende os acontecimentos como histórias, no plural, enredamentos de histórias, geração após geração, sempre atravessados por processos de subjetivação individuais e coletivos:

Em sua obra “mil platôs”, Deleuze e Guattari introduzem Rizoma como:

[...] Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." [...]. (Deleuze-Guattari, 1995)

Assim, mito tem característica rizomática no que diz respeito às multiplicidades histórico-sociais que se atualizam a cada geração, cocriando por meio das experiências vividas nos papéis e vínculos de cada indivíduo.

Mito é acontecimento, histórias, que são transmitidas por gerações, em diversos núcleos sociais, do micro (menor núcleo social possível) ao macro (maior núcleo social possível); respectivamente, da família, por meio de crenças existenciais de modos de existir e coexistir, até o núcleo macro sociedade, com as tradições transmitidas entre povos. Todos esses processos de subjetividade transmitidos e ressignificados entre gerações, são construídos como raiz rizomática, no “inconsciente” e no “coinconsciente” dos indivíduos.

Moreno se refere ao inconsciente e o consciente como estados, por entender que nenhum destes conceitos permanecem em uma única mente, assim como também não são fixos, sim transitórios e mutáveis. “[...] os estados inconscientes de dois ou mais indivíduos estão inter-ligados com um sistema de estados co-inconscientes.” (Moreno, 1975).

⁵ Glossário de botânica, adaptado de: ANDREATA, H. P.; TRAVASSOS, O. P. Chaves para determinar as famílias de: pteridophyta gymnospermae angiospermae. Rio de Janeiro: Ed. Universitária Santa Úrsula, 1994. 134p.

Bustos traduz inconsciente como o que sabemos do outro, sem que este mesmo nos tenha dito. “[...] Há múltiplas mensagens subliminares que decodificamos sem ter consciência.” (Bustos, 1990).

O inconsciente e o consciente estão sempre em relação, engendrados pelos papéis atuados nos vínculos. Sobre estes conceitos, Maria da Penha Nery diz: “Esses conteúdos são (com)partidos, (com)partilhados, estão em (com)paixão, em (co)laboração, resultado da coautoria das tramas manifestas e ocultas existentes entre as pessoas.” (Nery, 2014).

As diversas formas de comunicação são usadas a todo instante na relação, fomentando o coconsciente e o coinconsciente e sendo por eles fomentadas. Os conteúdos conscientes e inconscientes comuns são construídos histórica e culturalmente e carregam a modalidade vincular afetiva de cada indivíduo, resultando na dinâmica própria do vínculo. (Nery, 2014).

O Psicodramatista, Albor Vives Renões, ao pensar sobre mito, relembra da mitologia grega, em que por meio de deuses e musas, eram expressos estados mentais e uma compreensão dos fenômenos naturais, que era transmitido pelo coconsciente e coinconsciente, entre gerações, de forma mitológica. Ou seja, a verdade individual e coletiva, conectada sempre com os contextos sócio-histórico-culturais.

Neste subcapítulo foi apresentado o conceito de mito pelo viés da psicologia e da filosofia, dialogando sobre as multiplicidades da coexistência do ser humano, não diminuída a uma dialética da verdade ou mentira, mas sim num contexto individual e coletivo, dentro de processos singulares que em cocriação transferem mitos para seus papéis geração após geração.

5.b) Realidade e mito:

Como proposta de pensar Mito fora da conserva que lhe foi atribuído ao longo dos séculos de: “história não verídica, sem diálogo com a realidade”, será discutido neste tópico o que é a realidade, e como podemos romper com essa conserva, ressignificando mito como possibilidade de ser outras coisas, além do estereótipo citado.

Albor, sobre realidade:

Pode parecer estranho, mas na medida em que assumimos a “realidade” como sendo realidade para aquele que a vive, estamos rompendo com a possibilidade de vislumbrar uma realidade única. Ao mesmo tempo, estamos assumindo que qualquer forma de construí-la é válida, pelo menos válida para aquele que a constrói. (Renõnes, 2002).

Assim, é possível entender a realidade como experiência única e individual, e também como evento que é atravessado pelo coletivo, pois, como já citado, o homem está sempre em relação e, sendo assim, constrói e lida com sua realidade sob o olhar do que aprendeu com o(s) outro(s), desde sua “matriz de identidade”⁶ (primeiro grupo social na vida do ser humano) até outros vínculos construídos de outros papéis atuados pelo indivíduo.

Portanto, o olhar sob a realidade experimentada passa pelo viés do acontecimento atual e sócio-histórico-cultural que a atravessa.

O real é, segundo Albor: “Podemos dizer (segundo a perspectiva dualista) que real é o científico, real é o consenso, real é o visível. Ou vice-versa, que real é o que se sonha, o que se vive em viagem lisérgica, o mundo de deus...” (Renõnes, 2002). Pode-se entender, com essa descrição, que real é o que se vê e o que não se vê, numa perspectiva dualista como já diz Albor.

Apesar de parecer, de acordo com as citações anteriores, realidade e real não são sinônimos. Carlos Martinez Bouquet⁷ fez esta distinção, dizendo que a realidade é como um mundo multidimensional, que carrega em si três modos de existência, que se diferenciam por modos de complexidade.

⁶ “A matriz de identidade é a placenta social da criança, o *locus* em que ela mergulha suas raízes. Proporciona ao bebê humano segurança, orientação e guia. O mundo em torno dele é denominado o *primeiro universo*, porquanto possui muitas características que o distinguem do outro, o segundo universo. A matriz de identidade dissolve-se gradualmente, à medida que a criança vai ganhando em autonomia - isto é, desenvolve-se em certo grau de auto-arranque numa função após outra, tais como a alimentação, a eliminação, a capacidade de agarrar coisas e a locomoção; começa a declinar a sua dependência dos egos auxiliares. O primeiro universo termina quando a experiência infantil de um mundo em que tudo é real começa se decompondo em fantasia e realidade. Desenvolve-se rapidamente a construção de imagens e começa tomando forma a diferenciação entre coisas reais e coisas imaginadas.” (Moreno, 1975).

⁷ Carlos Martinez Bouquet é psicodramatista e junto com Rojas Bermúdez e Pavlovsky, inaugurou em 1963 a Associação Argentina de Psicodrama.

Esses três modos de existência que fazem parte da realidade, são: o real, o imaginário e o discursivo. Assim, pode-se entender que o real faz parte da realidade, porém divide sua complexidade com mais dois conceitos importantes e que juntos compõem a realidade.

Segundo Bouquet, o real é o estado anterior a qualquer forma de abstração e assim que experimentado, transforma-se em imaginário, que é carregado de complexidade e abstração, e que, completando o ciclo da realidade, transforma-se em discursivo, que revela uma pequena parte do imaginário.

Para Bouquet, imaginário é uma entidade chave para o real e o discursivo, por este motivo é intermediário, conecta-se com ambos e faz ponte. Sem o imaginário, o discursivo seria insignificante para o real, sem autenticidade.

Com esses conceitos, entendo que é possível fazer uma analogia com mito e o imaginário, em sua complexidade, abstração e fantasia. Com esta analogia então, pode-se localizar mito como parte do imaginário. Desta forma, mito irá conectar-se com o real e o discursivo, por meio do imaginário individual e coletivo.

Assim, Mito não é oposto de realidade, mas sim faz parte da tríade multidimensional que compõem realidade, como algo que está intrinsecamente complementando o imaginário. “[...] Mito é a chave do existir.” (Reñones, 2002).

É no imaginário que as fantasias individuais e coletivas são construídas, assim como os mitos, com fatos do real e transmitidas de formas diversas, e nem sempre com clareza, pelo discursivo. Segundo Bouquet, o espaço imaginário é: “lugar de inter-presença dos personagens, de crescimentos e declinações afetivas, de modulações existenciais em contínua alternância e variação.”

O método ⁸aquecimento numa cena psicodramática, é uma forma de acessar esse modo da realidade mais abstrato, o imaginário, que fica por vezes contido na rotina de nossa sociedade atual, que é carregada do modo discursivo dessa tríade.

⁸ Aquecimento é um método psicodramático de preparação do corpo para uma cena. Foi traduzido da palavra “*warming up*”. “Visa exatamente situar o paciente na sessão, focando sua atenção em si mesmo e aquietando suas resistências em adentrar no novo que toda sessão traz.” CUKIER, Rosa. IV-Aquecimento - 1.Aquecimento inespecífico. Psicodrama Bipessoal: sua técnica, seu terapeuta e seu paciente. São Paulo: Editora Ágora, 1992. Pag.31.

A percepção do real não existe ou talvez quase não existe no ser humano de nossa cultura. A percepção do imaginário só existe parcialmente, condicionada e por momentos. Nossa percepção geralmente está constituída por uma predominância no discursivo. (Bouquet, 1977).

Imersos na dimensão discursiva, nos perdemos muitas vezes na reprodução dos sintomas do nosso imaginário, sem entender o contexto por estarmos tão racionalizados. Assim, os mitos estão presentes em nossas lógicas afetivas de conduta, porém não nos damos conta por não estarmos conectados com nosso mundo interno.

“Lógicas afetivas de conduta são, pois, expressões “racionais” de sentimentos e sensações que orientam a dinâmica psicológica da pessoa em determinados momentos e contextos.” (Nery, 2014).

É importante estar atento a saúde mental e as dimensões da realidade, estar em contato com a tríade real, imaginário e discursivo é de extrema importância para relações mais espontâneas-criativas.

O psicodrama entra como dispositivo para o indivíduo dar conta de acessar o imaginário, por meio de cenas em que revelam os mitos, personagens e fantasias inconscientes.

Segundo Bouquet, as técnicas do psicodrama que possibilitam o acesso ao imaginário são: a criação de cenas para dramatizar, a realização e observação de dramatizações pelo coletivo e todos os processos chamados de aquecimento.

Pensando em cena psicodramática, Bouquet fala de “cena imaginária”, cena esta que transita entre as dimensões do real e do discursivo. Cena imaginária corresponde ao mundo externo e interno do indivíduo, construídas pelos afetos do mesmo. Os afetos fazem pontes no imaginário entre os diversos personagens que coexistem e habitam essa dimensão.

Sobre a dramatização de uma cena vivida (com base na realidade do protagonista), e sobre a possibilidade de novas perspectivas, conectando-se com o imaginário, Albor diz:

Na medida em que se explicitam – pelos *egos*, pelo protagonista ou por outras pessoas que viveram a cena original – sentimentos e percepções

que não haviam estado visíveis antes, a relação dos personagens originais em relação aos outros e ao fato vivido se modifica, pois agora se possibilitou uma nova visão da história; diríamos que a realidade de cada um ficou mais completa pela inserção das perspectivas dos outros. (Renões, 2002).

O Psicodrama possibilita trazer à luz os mitos, que ficaram inconscientes e que aparecem no “como se” da dramatização.

[...], o fragmento oculto da cena é a que se poderia ampliar no caminho de retorno até as raízes, até o mito, isto é, em uma hipótese curativa que através da ampliação estética (gozo estético) permite retroceder a lenda até que se encontre com o mito. (Kesselman e Pavlovsky, 1989).

Albor complementa esse olhar filosófico de Kesselman e Pavlovsky com a seguinte afirmação: “[...] Mito é a chave para a própria superação do mito.” (Reñones, 2002).

Os filósofos citados acima dizem da importância de se deparar na cena psicodramática com o mito para que ele emerga para consciência, estado que o indivíduo pode racionalizar e produzir novos sentidos com seu próprio mito, e isso possibilita o processo curativo através da ampliação estética.

É possível entender o mesmo na citação acima de Albor, trazendo o mito à luz, pode-se superá-lo, transformando em outro mito, que seja produtor de espontaneidade e criatividade para o indivíduo.

“Moreno, em um de seus lances geniais, disse que a explicitação do drama em cena, e sua solução no espaço psicodramático, permitiriam uma descristalização da situação fora dali, na vida cotidiana, abrindo espaço para que alternativas fossem viabilizadas.” (Reñones, 2002).

Mito não é um fator de adoecimento, mas não conhecê-lo e viver apenas os sintomas transferidos por meio de lógicas afetivas de conduta, pode ser um fator de congelamento da espontaneidade e de adoecimento emocional e afetivo.

[...]. Atuando na mudança das premissas que dão sustentáculo para a manutenção da situação conflitiva de uma relação – casal, família ou grupo –, passaríamos a ser aqueles que olham não para uma cena inicial, mas para a possibilidade de transformar uma cena que se repete – e que aponta para o desgaste do mito que a afirma – em um novo modo relacional, um novo mito. (Reñones, 2002).

Este breve estudo sobre o real é importante para que ao pensar em mito, não seja feita oposição entre mito e realidade. O mito está dentro da realidade em seu campo dimensional imaginário, e pode contribuir para o processo de criação e cocriação, ou de processos de conserva de conduta e patologias.

Assim como o papel, Mito também é construído antes da formação do eu. “A mitologia é o modo e o produto do como um Homem e um grupo se conhecem e se relacionam com o mundo.” (Reñones, 2002). É transmitido entre gerações e atua por meio das lógicas afetivas de conduta do indivíduo.

Com o diálogo entre os autores Albor, Bouquet e Moreno, foi possível fazer o contorno sobre qual olhar acerca do conceito de mito este trabalho está respaldado.

O olhar da realidade como evento que abarca nossas experiências existenciais, conscientes e inconscientes, e que é única a partir de quem a constrói. A realidade tem como característica ser multidimensional, habitada pelo real, imaginário e o discursivo.

O real é tudo que é perceptível a nossa volta, mas não racionalizado. Imaginário é morada do mito e de fantasias inconscientes, a partir do que é percebido no real. E o discursivo é a complexidade e racionalização da junção do real com o imaginário.

A cena psicodramática é dispositivo de conexão do protagonista com seu imaginário, podendo assim promover a produção de novos sentidos e novas possibilidades a movimentos existenciais antigos ou congelados, transformando e atualizando o mito.

5.c) Mito familiar

Este subcapítulo é dedicado a uma das múltiplas ramificações do conceito de mito, e é um dos fundamentos de investigação a que este trabalho se propõe: O mito familiar.

O mito familiar tem seu processo de construção, cocriação e transferência dentro do primeiro grupo social que um ser humano experimenta, a família. O mito familiar é transferido por meio dos papéis apreendidos em seu grupo familiar.

As diversas formas de comunicação são usadas a todo instante na relação, fomentando o coconsciente e o coinconsciente e sendo por eles fomentada. Os conteúdos conscientes e inconscientes comuns são construídos

histórica e culturalmente e carregam a modalidade vincular afetiva de cada indivíduo, resultando na dinâmica própria do vínculo. (Nery, 2014).

Estes conteúdos a que Nery se refere são transferidos culturalmente e estruturam a matriz de identidade do indivíduo. Este conceito criado por Moreno, Matriz de Identidade, trata-se da relação de um indivíduo com seus vínculos afetivos, desde sua estrutura familiar, e que provém a base psicológica para seus desempenhos de papéis apreendidos pelo coconsciente e inconsciente, formando suas unidades funcionais de conduta enredadas por conteúdos sócio-histórico-culturais.

O indivíduo conhece o mundo a partir dos olhos do grupo de que participa (o que não impede que depois torne-se autônomo em maior ou menor grau), isto é, seu conhecimento provém daquilo que o grupo produz e de como é produzido. Este é um processo de culturação, na medida em que insere o indivíduo no conjunto de prerrogativas seguidas por seu grupo.[...] À medida que o processo de culturação ocorre e a imersão na mitologia se dá, podemos dizer que o indivíduo segue a noção de conhecimento existente. (Reñones, 2002).

Assim, o mito familiar é cocriado pelo processo de culturação e de transferência de conteúdos emocionais do grupo familiar que o indivíduo pertence.

“[...] a identidade de cada um se dá pela totalidade dos papéis que desempenha, desde seu nascimento até o momento em que pergunta “Quem sou eu?”, englobando aqueles papéis que ele não pôde/quis concretizar, os que ele viveu e os que está vivendo atualmente.” (Reñones, 2002).

Complementando sobre criação de identidade a partir da transmissão de mitos geracionais:

[...] Na medida em que o conjunto de pertenceres do indivíduo – sua identidade- se formula na inter-relação com os do grupo (e dos seus pressupostos que são todos mitológicos), está-se mitologizando, educando em mito, transmitindo o mito, inserindo no mito. Enfim, transformando em mito aquele que chega, ou atualizando os mitos daquele que já fez parte. (Reñones, 2002).

No grupo familiar, existem conteúdos emocionais conservados, mitos, que são transferidos de geração em geração, e deste modo pode-se dizer que somos educados em nossos papéis por meio de mitologizações. Esses mitos constroem-se,

reconstroem-se, desconstroem-se, constroem-se novamente, atualizam-se, mas não deixam de existir, sempre atravessados pelos contextos familiares, sociais e culturais, dentro de uma época.

Com essa troca de conhecimentos entre gerações ocorre tanto a transformação do significado do mito, atualizando para as mudanças do contexto sócio histórico vivido por cada indivíduo da família, como também há a possibilidade de se manter o mesmo. Se o mito se mantém o mesmo entre gerações, ele produz lógicas afetivas de conduta que ficam conservadas, o que não quer dizer necessariamente aprisionamento da espontaneidade.

Como diz Penha:

A conservação de conduta também está relacionada à construção da subjetividade e de “identidades”, resultantes dos aspectos internalizados dos vínculos compostos de lógicas afetivas de conduta.[...] nem tudo que repetimos ou conservamos em nossa conduta é imobilizador, pois também pode se constituir uma aprendizagem que dá respaldo à assimilação de novas aprendizagens ou memórias que contribuem para o aproveitamento das experiências atuais. Por exemplo, uma pessoa aprendeu a conduta de “ser útil” como uma das possibilidades para conseguir a atenção do outro. Em alguns momentos, ela se torna útil para repetir sua necessidade de sobrevivência emocional e, em outros, é naturalmente útil e, ao agir assim, contribui para as relações. (Nery, 2014).

“A mitologização é a própria matrização (compreendida como processo permanente de criação de identidade do pertencer aos grupos) pela qual o indivíduo passa e faz o grupo passar.” (Reñones, 2002).

O Mito é inserido na vida do indivíduo durante o processo de desenvolvimento da sua matriz de identidade, pois ao entrar em contato com outras pessoas, aprende concomitantemente a subjetividade do outro e os mitos que estão nos contextos sociais em que vive, que se tornam suas lógicas afetivas de conduta iniciais.

Teremos de compreender que matizar é sinônimo de relacionar-se. Toda relação tem a possibilidade de trazer nova perspectiva ao conjunto de identidade de cada indivíduo, da mesma maneira que o mito tem a possibilidade de transformar-se a cada leitura (ou vivência) que sofre, indicando novos aspectos que só podem ser compreendidos após uma maturação. (Reñones, 2002).

Assim, os mitos familiares se estabelecem no mundo interno do indivíduo desde seus primeiros vínculos afetivos. O mito torna-se parte de uma identidade funcional de conduta, que é tanto singular como cocriada no coletivo grupal vivido. Este coletivo é formado por indivíduos atravessados pelos seus contextos já experimentados e conhecimentos adquiridos, por processos de culturação durante toda a vida.

É importante destacar, concluindo este capítulo acerca do conceito de mito, que nem sempre o mito familiar será barreira de formação de uma identidade espontânea e criativa. Os conteúdos conservados podem servir de base para a cocriação ou servir como aprisionamento de conduta espontânea e criativa, depende sempre dos vínculos e dos valores éticos e morais do indivíduo e seus grupos vinculares.

6. Capítulo quatro: Lógicas Afetivas de Conduta

Maria da Penha Nery é a Psicodramatista criadora do conceito “lógicas afetivas de conduta”. Este conceito é, junto com mito, o fundamento deste trabalho, pois entendo como já discutido anteriormente, que mito está no imaginário do indivíduo, construído de forma coinconsciente pelo desempenho de papéis desde a matriz de identidade⁹.

Seguindo esta linha de raciocínio, as lógicas afetivas de conduta, a meu ver, são o que põe o mito em ação. Nery diz em seu livro “Vínculos e Afetividade- Caminho das relações humanas”:

As lógicas afetivas de conduta fornecem direcionalidade, intencionalidade e causalidade aos papéis, pois nelas estão contidas as resoluções afetivas que visam a algum equilíbrio psíquico, seja no sentido da obtenção de amor, do temor da perda do amor ou da expressão da agressividade pelo amor não recebido. Nesse sentido, as lógicas explicitam as defesas relacionais, pois exteriorizam, nos vínculos, as transferências, propagadas pelo efeito cacho de papéis para outros papéis sociais. Elas norteiam a pessoa para momentos da existência, criativos ou conservados.(Nery, 2014)

Entendo que é por meio de lógicas afetivas de conduta que é possível perceber o mito presente nos papéis e vínculos do indivíduo, mesmo que não haja o conhecimento prévio do *status nascendi* deste mito.

Assim, no processo psicoterapêutico, com as ferramentas de trabalho entrevista e dramatização, o paciente tem a possibilidade de experimentar e pesquisar no “como se” os conflitos já vividos ou imaginados, e trazer para a consciência suas lógicas afetivas de conduta, investigando e encontrando-se com seus mitos conservados.

Considero lógicas afetivas de conduta as “células-tronco” dos processos cotransferencial e de cocriação. São uma espécie de molécula psíquica motivacional dos projetos dramáticos, da modalidade vincular afetiva e do desenvolvimento de todos os tipos de papéis. (Nery, 2014).

⁹ “Essa coexistência, co-ação e co-experiência que, na primeira fase, exemplificam a relação do bebê com as pessoas e coisas à sua volta, são características da *matriz de identidade*. Essa matriz de identidade lança os alicerces do primeiro processo de aprendizagem emocional da criança.” MORENO, J.L. Seção IV Princípios da Espontaneidade. Psicodrama. São Paulo, Cultrix, 1975. Pag. 112.

Neste parágrafo a autora cita alguns conceitos importantes como: cotransferência, cocriação, projeto dramático, modalidade vincular afetiva e papel. Destes conceitos, serão elucidados neste estudo o de transferência e papel, este último já abordado no capítulo acerca da teoria Moreniana.

Entendo que as lógicas afetivas de conduta são inter-relacionais e, assim, são cocriadas nos vínculos afetivos, por meio de processos cotransferenciais. Estes processos cotransferenciais se dão no coinconsciente dos indivíduos, em seus contextos e papéis diversos.

6.a) Transferência

Neste subcapítulo, apresento um recorte sobre o conceito de transferência, sob o olhar das abordagens psicanalítica e psicodramática, encontrando os pontos que se conectam e os que divergem acerca deste conceito tão importante e tão polêmico na clínica.

- Psicanálise:

A transferência é um conceito que advém da Psicanálise, criada pelo médico Sigmund Freud. Freud chamou de transferência o material inconsciente projetado no outro (no caso da clínica, o terapeuta). Em relação a transferência do terapeuta para o paciente, Freud chamou de contratransferência. “A contratransferência aparece no médico por conta da influência do paciente sobre seus sentimentos inconscientes.”. (Freud, 1912)

No livro, “Vocabulário da Psicanálise” de Laplanche e Pontalis, o conceito de transferência é definido como:

“Designa em psicanálise o processo pelo qual os desejos inconscientes se actualizam sobre determinados objectos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica”. (Laplanche e Pontalis, 1992).

Para Freud “a transferência surge como uma forma de resistência, e ao mesmo tempo assinala a proximidade do conflito inconsciente.” (Laplanche e Pontalis, 1992).

Freud aprofundou seus estudos sobre transferência por volta de 1912, e desenvolveu a teoria da transferência acerca de três dimensões: Transferência positiva (quando o vínculo terapeuta-paciente é construído com afetuosidade e o paciente apresenta disposição para se dedicar ao processo psicoterapêutico), negativa (quando o vínculo apresenta certa hostilidade e/ou desconfiança) e erótica (quando há uma inclinação amorosa).

- Psicodrama:

Sob o olhar de Jacob Levy Moreno, criador da Sociometria e do Psicodrama, em uma de suas interpretações acerca de transferência:

[...] A transferência é um processo estritamente subjetivo do paciente ou de qualquer outra pessoa particular, enquanto que o processo tele é um sistema objetivo de relações interpessoais. Além do fator *e* (espontaneidade), é o fator *tele* que atua na cura e não a transferência. A transferência é o fator que a estorva. (Moreno, 1978).

Moreno entendia transferência como fenômeno interpessoal e não concordava com o termo “contratransferência”, acreditava que não havia o lado “contra”, por ser via de mão dupla, ocorrendo entre uma pessoa e outra. Moreno enxergava este fenômeno como um fator que poderia prejudicar o processo psicoterapêutico e principalmente a dramatização, por entender que a transferência era apenas processo subjetivo, sem vínculo com a realidade.

Considerando que o conceito transferência foi criado por Freud, e Moreno discordava do sentido atribuído ao fenômeno, ele criou o conceito “tele” para fundamentar o que ele entendia faltar na transferência, o sentir-se no outro, com os olhos do outro.

O fenômeno Tele é um conceito moreniano muito complexo e polêmico e por este motivo será apenas apresentado neste estudo sua relação de oposição com transferência, segundo Moreno.

[...] o fator que dá forma à relação interpessoal deve ser um novo fator, diferente do mecanismo de transferência, a menos que ampliemos inadequadamente o significado desse conceito para além do seu significado original. Um complexo de sentimentos que atrai uma pessoa para a outra e que é provocado pelos atributos *reais*, da outra pessoa - atributos individuais ou coletivos - tem o nome de *tele-relação*. (Moreno, 1975)

Tele (do grego: distante, agindo à distância) é um conceito criado por Moreno, e definida pelo mesmo como:

[...] processo emotivo projetado no espaço e no tempo em que podem participar uma, duas ou mais pessoas. É uma experiência de algum fator real na outra pessoa e não uma ficção subjetiva. É outrossim, uma experiência interpessoal e não o sentimento ou emoção de uma só pessoa. Constitui a base emocional da intuição e da introvisão [...] (Moreno, 1975).

Concluindo esta breve discussão sobre o processo transferencial, destaca-se a diferença das abordagens referidas acerca do conceito:

Na concepção Freudiana, transferência é processo inevitável e possibilitador de que os conflitos, mágoas e lembranças que estão no inconsciente, emerjam para a consciência, de forma camuflada, projetada no outro ou em algum objeto. Para Freud transferência seria o primeiro sinal de que o inconsciente estaria se manifestando e, possivelmente, o conteúdo latente estava emergindo.

Para Moreno, o processo transferencial prejudica o andamento da dramatização, por entender que é material irreal e subjetivo o que dificulta a vinculação entre paciente e terapeuta. Processo oposto de transferência, para Moreno, é a tele, que é o relacionar-se afetivamente de forma objetiva, espontânea e criativa.

- Psicodrama Contemporâneo:

Alguns psicodramatistas contemporâneos têm outra visão acerca do conceito de transferência. O médico psiquiatra e psicodramatista, Sergio Perazzo em seu livro “Fragmentos de um Olhar Psicodramático”, diz:

[...] a transferência está presente em qualquer processo de co-criação, não sendo necessariamente destrutiva ou paralisadora, mas muitas vezes se constitui até como aquilo que movimenta esta co-criação, em razão da feição particular que adquire uma dada complementaridade de papéis, na própria ação de seu desempenho, viabilizando um projeto dramático manifesto (co-consciente) pela impulsão co-inconsciente de um projeto dramático latente. (Perazzo, 1999).

Diferente da concepção Moreniana, Perazzo entende transferência e tele como fenômenos singulares que fazem parte do mesmo processo e se retroalimentam.

Moreno entendia transferência e tele como fatores interpessoais, mas julgava transferência como fator de distorção na relação com o outro, já que para ele, o fenômeno transferencial trata-se de expectativas fantasiosas, projetadas no outro. Transferência para Moreno é não enxergar o outro como ele é, e sim como espera-se que ele seja, sem alinhamento com a realidade.

Porque Moreno utilizou-se do fenômeno de transferência, tal como ele é conceituado na psicanálise, mas mudou ou reduziu seu significado conceitual elaborado por Freud e ao mesmo tempo manteve a mesma designação?

Não há a intenção neste estudo de responder esta questão, mas sim dar luz para outras perguntas que surgem a partir desta e promover uma reflexão sobre o assunto.

Penso que Moreno enxergava sua criação, o Psicodrama, como a abordagem mais moderna, revolucionária e realista para a época comparada com a Psicanálise de Freud. Com esta ideia, Moreno interpretou o conceito psicanalítico transferência, como parte de uma abordagem conservadora e fantasiosa.

Para entender a conceituação que Moreno deu para o fenômeno de transferência, é importante pensar sua relação com o criador do conceito, Freud.

Moreno em seu livro “Fundamentos do Psicodrama”, na terceira conferência “O significado do formato terapêutico e o lugar da atuação na psicoterapia”, ao dar sua réplica às discussões promovidas pelos convidados, diz:

“Fui forçado a criar um lugar para mim no mundo da psicoterapia e da ciência social, ou então pereceria. Quem não foi filho tem de se tornar pai. Foi por isso que me transformei em pai muito cedo”. (Moreno, 2014).

Ao dizer isto, Moreno deixa claro seu sentimento de não filiação, não pertencimento, a uma ciência terapêutica estruturada como a psicanálise, e que a partir deste sentimento, precisou se destacar pela sua diferença, tornando-se pai de uma abordagem inovadora para a época.

O Psicodrama foi criado a partir do desejo de construir uma nova ciência, fomentada pelos afetos e fundada na crença do homem como ser em relação, movido pela

ação, e como tal, todos seus incômodos e adoecimentos deveriam ser trabalhados em relação por meio de dramatizações.

Devemos ressaltar que Moreno vinha desenvolvendo desde os primórdios de seu trabalho com psicodrama, o conceito Tele, conceito este que em sua visão, caracterizava-se por ser puro, isento de transferência e de qualquer outro atravessamento psicanalítico.

Para contextualizar historicamente, Transferência foi desenvolvida por Freud em Viena, na década de 10 e Moreno criou tele na mesma Viena, no final da década de 10 e início da década de 20. O Psicodrama foi fundado em primeiro de abril de 1921.

Penso que apesar de Moreno negar ter partido de um contexto referencial psicanalítico, ele tenha se inspirado na abordagem psicanalítica para construir aquilo que acreditava. Assim, Moreno desenvolveu uma interpretação acerca do fenômeno transferência carregado, paradoxalmente, de seu próprio processo transferencial sobre sua relação com Freud. A meu ver, Moreno ao interpretar o fenômeno transferencial, projetou seu desejo inconsciente de ser reconhecido e seguido assim como Freud e ao criar Tele, a designou como oposto de transferência.

Os fenômenos Transferência e Tele são complexos e este trabalho não tem o objetivo de esgotar as possibilidades de reflexão acerca desses conceitos, mas sim situá-los como referências para a discussão do tema deste estudo clínico, mito familiar e lógicas afetivas de conduta.

6.b) Lógicas afetivas de conduta:

Lógicas afetivas de conduta são vividas em vários níveis de consciência e vêm sob a forma de expressão sintética de algum aprendizado emocional, derivado de diversas experiências vinculares. Essa expressão pode ser, por exemplo: “Se eu for rebelde, terei atenção”, “consegurei admiração se sempre ajudar a todos!”. (Nery, 2014).

Esta expressão sintética a que Nery se refere, é a forma que o indivíduo elabora o que está em seu imaginário, e transmite pelo discursivo, de forma complexa.

“[...]. Os alertas internos contidos nas marcas afetivas são o que denomino lógicas afetivas de conduta.” (Nery, 2014).

Ou seja, as expressões sintéticas surgem de marcas afetivas, aprendizados emocionais, e funcionam como um alerta para o terapeuta no processo psicoterapêutico, de lógicas de conduta que estão conservadas. Joana por exemplo, repetiu muitas vezes nas sessões:

“Quando eu cuido de alguém, me sinto valorizada”, “Ao cuidar do outro, sinto que tenho controle da situação”.

Estas expressões sintéticas de Joana estão contidas em suas marcas afetivas, advindas de suas experiências vinculares, que de maneira transferencial, a ensinaram condições de modos de ser e de se relacionar com o outro.

Esse *modus operandi* relacional aprendido são as lógicas afetivas de conduta de Joana, percebidas em suas relações com o outro. Estas lógicas afetivas de Joana se fortalecem no e pelo mito: “As mulheres da família são sempre abandonadas pelos homens”.

Joana aprendeu a conquistar o outro por meio de seus cuidados, pois foi assim que conseguiu sentir-se próxima da mãe quando criança e adolescente, este era o seu valor. Ao se tornar independente e adulta, continuou em seus outros papéis a atuar de forma a sentir-se necessária pelos seus cuidados ao outro.

A pessoa vive o vínculo-matriz em um contexto e em um momento que se constituem o *locus* da transferência. A afetividade vivida nesse vínculo resulta nas lógicas afetivas de conduta e nas características dos papéis. Essas lógicas e as características são o *status nascendi* da transferência, ou seja, as respostas ou as formas de desempenho de papéis sociais aprendidas ou construídas nesse *locus*. (Nery, 2014)

No parágrafo acima, Nery constrói acerca de seu conceito “lógicas afetivas de conduta” uma dialética de acontecimento e consequência baseada na Teoria do Momento, de Moreno.

A Teoria do Momento era para Moreno, “Um dos conceitos mais importantes em todo o pensamento humano, a categoria momento - o momento de ser- viver e criar - tem sido o enteado de todos os sistemas filosóficos universalmente conhecidos”. (Moreno, 1975).

Na Teoria do Momento existem três ângulos que compõe o mesmo processo simultaneamente. Estes três ângulos são: *Locus*, *status nascendi* e matriz.

O exemplo dado por Moreno, em seu livro “Psicodrama”, página 105, nota de rodapé, expõe a categoria momento de forma clara e prática. Moreno explica os três ângulos da teoria do momento com o processo de desenvolvimento de uma flor, em que: há o canteiro onde a mesma cresce - *Locus*; A semente fecundada neste canteiro - matriz; e o processo de crescimento desta flor - *status nascendi*.

Pode-se entender que o *Locus* é o lugar do acontecimento de um determinado processo; matriz é a origem do acontecimento; e por fim, o *status nascendi* é o processo de desenvolvimento decorrente da matriz e de seu *locus*.

Bustos, em seu livro “Nuevos Rumbos en Psicoterapia Psicodramática” sobre a teoria do momento:

“El método psicodramático aplica estos parámetros básicos buscando en su investigación de un conflicto cuales son sus causales (matriz), como fue su proceso de desarrollo y cuales los condicionantes del lugar en el que se produjo el conflicto.” (Bustos, 1985).

Bustos se refere como parâmetros básicos as três estruturas da teoria do momento, *locus*, matriz e *status nascendi*, e entende estes elementos como instrumentos de investigação para o psicodrama clínico, pois possibilita encontrar as causalidades de uma dificuldade afetiva e/ou vincular e chegar até seu momento inicial.

No caso desta pesquisa, a teoria do momento iluminou o processo investigativo sobre a crença de Joana de que seria sempre abandonada pelos homens. Este conceito de Moreno guiou o caminho a ser percorrido na investigação clínica do contexto histórico pessoal do mito familiar de Joana, possibilitando encontrar junto da paciente o lugar de origem da crença de abandono, *locus*, o acontecimento disparador, matriz, e como este desenvolveu-se no decorrer das gerações, *status nascendi*.

Caminhando para a conclusão deste capítulo, apresento um esquema do processo de surgimento do mito e das lógicas afetivas de conduta, incluindo o conceito de Mito como parte de um processo de aprendizado emocional:

Vínculo matriz > aprendizado emocional diante de algum acontecimento interpessoal > criação de um mito em decorrência a este aprendizado > transferência do mito para outros papéis e vínculos do indivíduo > atuação nos papéis por meio de lógicas afetivas de conduta.

Contextualizando o esquema acima com o caso estudado:

Casamento dos avós de Joana foi interrompido pelo suicídio do avô. A elaboração do luto pela avó se deu com o sentimento de abandono, viu-se sozinha com uma família para criar e sem recursos. A avó aprendeu nesta experiência emocional que as mulheres devem ser independentes dos homens, para evitar o sentimento de abandono. O mito interno criado foi de que os homens abandonam. Avó transferiu este aprendizado emocional para filha, quando a mesma separou-se do marido (pai de Joana), momento de confirmação do mito. Avó ensinou Joana, quando a mesma sofria pela ausência do pai após a separação, a ser independente, pois as mulheres da família sempre eram abandonadas pelos homens. Ao crescer, Joana reproduziu em seus vínculos a crença do abandono, por meio de lógicas afetivas de conduta aprendidas.

É importante destacar que nem sempre mito e lógicas afetivas de conduta adoecem os vínculos, segundo Nery:

Nos vínculos também há momentos em que a internalização do papel complementar desperta lógicas afetivas de conduta liberadoras da espontaneidade-criatividade dos indivíduos e viabilizadoras da Inteligência. Portanto, inteligência relacional é a capacidade de as pessoas, nos vínculos, complementarem papéis que atualizam lógicas afetivas de conduta, favorecedoras do crescimento psíquico-social dos envolvidos. Trata-se, pois, de um aspecto da cocriação. (Nery, 2014)

Toda conduta conservada, advém de experiências espontâneas e criativas. Sobre estas conservas, Moreno criou o conceito “conserva cultural”:

As conservas culturais serviram para dois fins: eram prestimosas em situações ameaçadoras e asseguravam a continuidade de uma herança cultural. Mas quanto mais se desenvolveram as conservas culturais [...] mais raramente as pessoas sentiam necessidade de inspiração momentânea. (Moreno, 1975)

Com esta fala do Moreno, é possível entender que as conservas culturais e, incluso, de condutas, tem em si uma utilidade, como um código de como agir em determinada situação ou cultura. Porém sua utilidade torna-se alienante a partir do momento em que não é mais questionada, perdendo sua herança espontânea e criativa.

“As lógicas afetivas estruturam a conduta conservada necessária para a continuidade da aprendizagem, para a sedimentação dos processos de assimilação e acomodação de conteúdos socioemocionais.” (Nery, 2014).

Na medida que a conserva cultural está alienada ao indivíduo, seus processos criativos ficam interrompidos. Quando o sujeito, diante da conserva cultural, participa com suas singularidades, torna-se mais criativo.

Sendo assim, a conduta conservada é necessária para a organização interna do indivíduo, e não necessariamente é alienante, desde que o mesmo esteja disposto a questionar suas conservas, quando estas estiverem bloqueando seus processos de cocriação.

Concluindo, lógicas afetivas de conduta são os aprendizados emocionais transferidos no e pelo vínculo, que colocam o mito inconsciente em ação. O processo psicodramático clínico, quando trabalhado acerca dos mitos conservados do indivíduo, possibilita a investigação no “como se” dos processos de cocriação da lógica afetiva de conduta que o cliente apresenta e assim, dá luz ao processo da elaboração e conservação do mito individual e coletivo promovendo recuperar a espontaneidade e criatividade perdida.

7. Capítulo cinco: Pesquisa realizada

Esta é uma pesquisa qualitativa através do estudo de um caso clínico. Os encontros psicoterapêuticos processuais se deram no contexto de atendimento bipessoal, semanalmente.

O atendimento da cliente em questão se fundamentou na abordagem Moreniana, o Psicodrama, com as atualizações de alguns estudiosos psicodramatistas contemporâneos. A pesquisa se estrutura a partir do estudo dos conceitos Mito e Lógicas Afetivas de Conduta.

7.a) Encontros realizados

- Apresentação do caso clínico:

A cliente Joana iniciou a psicoterapia em maio de 2016. Sua queixa na primeira entrevista foi de como seus relacionamentos amorosos eram sempre difíceis.

Joana falou brevemente sobre um relacionamento que rompeu há alguns anos atrás, em que o namorado foi diagnosticado com esquizofrenia. A cliente contou que a fase mais sofrida foi a que precedeu o diagnóstico.

Este relacionamento teve grande impacto emocional na vida de Joana e o relato dele pela cliente possibilitou o olhar investigativo no contexto psicodramático clínico sob o mito familiar e as lógicas afetivas de conduta vividas pela cliente.

Enquanto Joana relatava sobre os acontecimentos que se deram no relacionamento referido, pude observar que seu corpo apresentava agitação nas mãos e nos pés, o que entendi naquele momento ser o desencadeamento de uma ansiedade e angústia devido às lembranças que vinham à luz pelo relato.

Assim, com a percepção de que se tratava de uma experiência de muito sofrimento, que trazia memórias de dor e desamparo para Joana, deixei que ela falasse livremente e não chamei atenção para os movimentos que seu corpo estava demonstrando. Esta minha decisão se deu por entender que naquele momento a paciente precisava falar o que parecia estar guardando a bastante tempo.

Apesar de não ter colocado em foco os movimentos corporais, entendi que o corpo da cliente estava denunciando o adoecimento emocional frente a história relatada. O corpo estava complementando em ato, no aqui e agora, o sofrimento já experimentado por Joana.

Outro motivo de não ter sido abordado o que o corpo da cliente estava querendo mostrar com a agitação, foi pela proposta deste encontro relatado ser uma triagem, momento de apresentação e de acolhimento da demanda que provocou a busca pela psicoterapia.

Momento também de explicar o funcionamento da psicoterapia e a abordagem utilizada, para um processo de corresponsabilidade entre terapeuta-cliente e o estabelecimento do contrato psicoterapêutico. Fatores estes atravessados pelo tempo Kairós e o Chronos, que delimitavam o encontro de triagem. “Chronos devora ao mesmo tempo que gera”¹⁰.

Retomando o relato da cliente. Este relacionamento que Joana apresentou em nosso primeiro encontro, teve duração de oito anos, sendo que no quarto ano de namoro o parceiro começou a agir diferente, segundo ela.

Passou a ser mais ciumento e persecutório, por vezes imaginava e acreditava em cenas dela com outro homem que nunca haviam acontecido. Diante dessas situações ele perdia o controle e brigava com Joana, era agressivo verbalmente.

Disse que na época achou estranho este comportamento do namorado e pediu ajuda para família dele e aos amigos, pois segundo ela desconfiava de algum

¹⁰ Como dado de curiosidade e por estar afinado com o tema central deste estudo, mito, apresento brevemente o mito do tempo, Chronos e Kairós. “Chronos era um titã que se tornou senhor do céu após destronar seu pai (Urano).[...] Chronos personificava o senhor do tempo, aquele que tudo devora, “Chronos devora ao mesmo tempo que gera”, essa é uma alusão ao mito que ele devorava todos os filhos assim que deixavam o ventre sagrado da mãe.[...] Chronos deu origem a palavra cronômetro do nosso relógio que regulamenta o nosso tempo.

Kairós por sua vez representava o oposto, era descrito como um jovem que não se preocupava com o relógio, calendário e o tempo cronológico.[...] Kairós tem numa das mãos uma balança. A balança é símbolo do equilíbrio e da justiça: Kairós, embora veloz, não ultrapassa a medida.” Kairós é símbolo de tempo qualitativo. Chronos é símbolo do tempo quantitativo, cronológico.

transtorno mental, porém ninguém deu importância e por vezes culpavam Joana por deixar namorado nervoso, remetiam a apenas uma briga comum por ciúmes.

A cliente contou que nesta situação sentiu-se desafiada por não terem dado importância ao que ela estava sinalizando. Disse durante a sessão: “Parecia que a doente era eu. Que eu que estava imaginando coisas. E sabe que por um momento cheguei a pensar que eu realmente era a culpada”.

Quando ele começou a ter os sintomas da esquizofrenia, Joana percebeu-se sozinha e sentiu a obrigação de cuidar de uma pessoa que não estava bem emocionalmente e, que ao mesmo tempo, fazia muito mal a ela. Assim deixou-se de lado, pois não conseguia mais ser espontânea nem sair com amigas sem que isso se tornasse uma briga. Segundo ela, estava sempre tensa.

Foi difícil para Joana ter coragem de terminar com ele, pois sentia que estava abandonando-o em um momento difícil, que precisava cuidar do namorado. Quando conseguiu terminar, relatou que sentiu muita culpa.

Algumas frases de Joana me chamaram atenção neste primeiro encontro: “precisava cuidar” e “senti muita culpa”.

Não dar conta de cuidar do outro leva ao sentimento de culpa em Joana? Em sua experiência de vida, Joana aprendeu que numa relação é obrigatório dar conta do outro? Obrigatório para que e para quem?

No decorrer do estudo deste caso clínico, será possível entender esse jogo entre cuidado e culpa como lógica afetiva de conduta de Joana, apreendida na relação familiar da mesma.

Nos próximos parágrafos será apresentada a história de vida da cliente sob o olhar da mesma, e com observações e apontamentos sob meu olhar como psicoterapeuta e pesquisadora.

7. b) Fragmentos da história de vida da Joana

Quando Joana tinha 8 anos os pais se separaram.

Mãe de Joana contou para ela e irmã mais nova (três anos mais nova) que descobriu durante o tempo em que esteve casada, que o marido mantinha

relacionamentos paralelos ao casamento e um dia decidiu que não queria mais viver dessa forma com o marido. Assim, mãe pediu a separação.

A cliente relata que não teve a oportunidade de conversar com o pai sobre a separação, pois ele saiu de casa sem conversar com as filhas sobre o motivo, por acordo entre ele e a mãe de Joana, que achou melhor conversar sozinha com as filhas.

Joana relata ter se sentido sozinha nessa conversa, pois mãe estava sem condições de consolar e dar atenção a dor da filha, por estar imersa em sua própria dor e sua convicção de que havia sido abandonada pelo marido, pois não esperava que ele realmente aceitasse a separação e fosse embora de casa.

A cliente associa que após a separação dos pais, sentiu necessidade de racionalizar seus sentimentos, que se deu de forma a esconder sua tristeza como tentativa de cuidar apenas do sofrimento emocional da mãe. O foco passou a ser o outro e não ela mesma.

Ao mesmo tempo compartilhava, em segredo, do sentimento de abandono pelo pai, que mãe também sentia.

Essa forma de lidar com os próprios sentimentos, racionalizando-os, possivelmente passou a ser um fator de risco para a cliente, ao meu ver. Ao isolar dentro de si seus sentimentos, de forma que nem ela mesma entrava em contato diretamente com suas emoções, contribuiu para que Joana não tivesse o contorno definido de seus próprios limites.

Entendo limite como pele. A pele é o contorno entre o dentro e o fora, e o que articula, este interno com o externo.

Assim, sem estar conectada com os limites de seu corpo, em sua pré-adolescência Joana sofreu com relações abusivas, desde amizades falsas até o extremo de abusos sexuais. Viveu situações de abuso diversas vezes sem ter plena consciência do risco real, dos limites de seu corpo e a quem recorrer. Viveu essas situações calada.

Chegou a se automutilar como forma de dar concretude a si mesma e a suas dores emocionais.

Atualmente Joana entende a importância de acessar seus sentimentos, para que sempre esteja conectada de forma ética e responsável com os limites de seu corpo. No processo psicoterapêutico este tema é sempre recorrente, com a tentativa de Joana manter uma relação orgânica entre o emocional e o racional. Implicar-se na própria vida é postura político existencial.

Voltando a história de vida de Joana.

Segundo a cliente antes da separação o pai era ativo em seu papel de cuidar das filhas, brincavam sempre juntos e a mãe era atenciosa e cuidadosa. Os pais não demonstravam haver problemas entre eles, tornando a separação algo inesperado e difícil de entender na concepção de Joana.

Após o processo de separação a mãe de Joana ficou depressiva e demorou alguns anos para iniciar tratamento, o que tornou a convivência mãe-filha muito penosa, segundo a cliente.

Mãe casou-se novamente, porém está sempre reclamando de sua vida, de dores no corpo (que Joana acredita ser psicológico), situação financeira, sentimento de desamparo e sempre solicita mais atenção e ajuda de Joana.

Com as sessões psicoterapêuticas Joana aprendeu a dizer “não” para a mãe quando as solicitações de ajuda passam de seu limite. Esta nova postura da cliente foi decorrente das sessões já ditas acima, em que problematizamos os limites do corpo e a importância de dizer ao outro o que está sentindo na relação.

7. c) Resumo final dos relatos

Enquanto escrevi este texto, li e reli a história de Joana diversas vezes e em todas me senti conectada com sua história de vida, por dois fatores:

Primeiro por ter criado um vínculo forte e potente com Joana.

A teoria socionômica revela que o terapeuta também reflete sua história de vida na sua modalidade vincular com o cliente. Por isso, reportamo-nos aos estados coconsciente e inconsciente do vínculo psicoterápico e definimos tele como cocriação e transferência como cotransferência.(Nery, 2014).

Segundo, por fazer uma leitura do mito familiar de Joana de que “as mulheres da família são sempre abandonadas pelos homens”, e entender esse mito num contexto sócio-histórico-cultural em que a mulher sempre teve (e ainda tem) seus direitos de vir-a-ser arrancados pelo machismo, que é enraizado em nossa cultura.

O conceito de machismo advém de uma estrutura patriarcal da sociedade. Martha Narvaz e Henrique Caetano Nardi¹¹, no artigo denominado “Problematizações feministas à obra de Michel Foucault”, dizem:

O patriarcado - principal filosofia da opressão de gênero - é um modo predominante, geográfico e histórico, de relacionamentos, nos quais a política sexual implica no fato de que os homens estabelecem as regras de poder e de controle social (Millet, 1970). Não se trata necessariamente do domínio do pai, mas, de modo geral, do domínio dos homens, lembra-nos Goldner (1985), domínio que tem assumido diferentes formas ao longo da história.

No dicionário Aurélio encontra-se o significado de machismo como:

“1. Modos ou atitudes de macho;

2. Ideologia segundo a qual o homem domina socialmente a mulher.”

Esta estrutura patriarcal, que regula funções de um gênero, tem como premissa a superioridade do homem sob a mulher e assim, o primeiro tem mais direitos sociais e até civis do que o segundo. Judith Butler¹² diz sobre a regulação dos sexos:

A categoria do “sexo” é, desde o início, normativa: ela é aquilo que Foucault chamou de “ideal regulatório”. Nesse sentido, pois, o “sexo” não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda a força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir - demarcar, fazer, circular, diferenciar - os corpos que ela controla. (Judith Butler, 2000)

¹¹ Martha Narvaz Psicóloga e psicoterapeuta feminista. Doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento (UFRGS). Integra o Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas de Rua e o Movimento Feminista Coletivo, Feminino Plural, de Porto Alegre. Henrique Caetano Nardi Médico sanitário e do trabalho. Doutor em Sociologia pela UFRGS. Professor do Departamento de Psicologia Social e Institucional e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS.

¹² Judith Butler (24 de fevereiro de 1956, Cleveland, Ohio) é uma filósofa pós-estruturalista estadunidense, uma das principais teóricas da questão contemporânea do feminismo, teoria queer, filosofia política e ética.

O Feminismo é a luta contra esta força regulatória e discriminatória de gênero:

Definido aqui a partir das concepções de Scott (1995) como movimento de luta das mulheres pela igualdade de direitos civis, políticos e educativos, o feminismo reivindica que pessoas diferentes sejam tratadas não como iguais, mas como equivalentes. O movimento feminista denuncia que a experiência masculina tem sido privilegiada, enquanto a feminina, negligenciada e desvalorizada, assinalando as desigualdades entre homens e mulheres e desvelando as formas de opressão patriarcal e seus mecanismos de ocultamento. (Narvaz e Nardi, 2007)

Apesar de toda a luta do feminismo, o grande mito de que a “mulher não pode...”, mito este que advém da estrutura patriarcal e à concepção machista sob um gênero ainda é vivo em nossos conscientes, inconscientes e coinconscientes, em pequenas ou grandes ações em nossas relações.

O imaginário humano foi sendo povoado por "uma gama imensa de mitos, cosmogonias, seres folclóricos etc. A posição e o papel da mulher em meio a este circuito acabam sendo expressos através desses mitos inscritos no imaginário" (Almeida, 1992).

Acredito assim que o mito familiar de Joana é afetado em sua construção também pelo machismo, pois este entende o homem como provedor de uma família e a mulher como a pessoa que depende deste homem para viver e por isso tem que cuidar dele, de suas roupas, sua comida e casa.

Quando o mito se apresenta para Joana na condição de que as mulheres são sempre abandonadas pelos homens, traz em si o peso do sofrimento vivido pela mãe e pela avó, com as tragicidades de seus relacionamentos vividos, mas também se apresenta carregado pelo machismo histórico, como se todas as mulheres, não só as de sua família, não tivessem o merecimento de ter um homem ao lado.

Quando mãe entra em depressão e diz “As mulheres dessa família são sempre abandonadas pelos homens” Joana sente o peso da importância do homem, e a falta de valor que a mulher tem, pois é sempre abandonada.

Durante sua pré-adolescência sofreu diversas formas de assédio sexual, e devido ao mito transmitido pelas mulheres da família, de que seria abandonada pelos homens, não se defendia desses assédios, com medo de realmente ser abandonada.

Uma ressalva ao parágrafo anterior para a observação de que Joana não sabia como podia se defender e não sentia que tinha relação forte e potente o bastante com algum responsável, para ajudá-la a sustentar uma reação aos abusos. Abusos estes que historicamente, sempre acabam indo para o caminho da culpabilização da vítima e não do opressor.

7. d) Cenas psicodramáticas

“A riqueza e a dificuldade maior do psicodrama quanto ao manejo da sua técnica, está no efeito multiplicador de associações que o acréscimo da ação, como método, possibilita.” (Sergio Perazzo, 1994).

CENA: O choro da filha encontra-se, enfim, com o silêncio da mãe.

Diante dos relatos da cliente sobre a relação mãe-filha, os quais em sua maioria se referiam a uma relação difícil e dispendiosa emocionalmente por se tratar, segundo Joana, de uma mãe e filha adoecidas na (ou pela?) relação.

Acredito que a exigência de cuidado por parte da mãe e o não sentir-se acolhida por parte da filha, culminou em vulnerabilidade para ambas. Vulnerabilidade, pois a superproteção da filha para com a mãe fomentou mais ausência de implicação e auto cuidado da mãe consigo mesma. Contribuindo para seu estado depressivo se manter.

Com Joana a vulnerabilidade se deu pela cliente acreditar, em sua adolescência, que devia dar conta de suas situações de conflito sem pedir ajuda. Assim, como já relatado anteriormente, Joana viveu situações de risco calada.

Trabalhamos em algumas sessões a diferença entre o cuidado e a superproteção. Segundo dicionário, o primeiro é “dar atenção, zelo, com responsabilidade...”; o segundo “proteger em demasia, afastando de (um indivíduo) todos os perigos e impedindo-o frequentemente de desenvolver por conta própria os mecanismos de defesa.”.

Joana superprotegeu, pensando que estava cuidando.

Penso que após a cliente perceber que a ação de cuidar não é abandonar a si mesmo pelo outro, ela pôde nas sessões entrar em contato com seus sentimentos

sobre si mesma e sobre o que passou emocionalmente em sua infância e adolescência.

Assim, percebi que estava pronta para ter uma conversa com a mãe, não para acusar das ausências, e sim para dizer o que sentia na relação.

Propus uma dramatização, entre Joana e mãe, em que mãe estivesse presente no “como se” psicodramático, e a filha pudesse experimentar uma conversa honesta com a mãe.

A proposta desta cena foi de ser reveladora de sentimentos que Joana estava entrando em contato na terapia e que nunca havia dito para mãe. Como forma de acessar o sensível nessa relação.

Cena:

O espaço cênico se deu com Joana e mãe sentadas, em que a cliente escolheu colocar os assentos de frente um para o outro, que no momento me chamou a atenção por sugerir uma forma de enfrentamento. Provavelmente, naquele momento para Joana dizer sobre seus sentimentos para a mãe era situação de campo tenso.

Joana escolheu uma almofada para representar a mãe e colocou-a na cadeira à sua frente.

Com o objetivo de sinalizar para Joana que a cena poderia começar e como forma de manter o aquecimento, me posicionei ao lado dela e disse: “Diz para sua mãe o que você sente que precisa dizer a ela.”

Após minha fala, a cliente se emocionou sem verbalizar, apenas olhou para mãe e começou a chorar. Deixei que Joana vivesse esse momento. O silêncio da mãe, e o choro da filha. Me mantive ao lado de Joana o tempo todo na cena, para que se sentisse amparada.

Penso que essa foi uma cena muito importante para o início de uma Joana mais sensível e cuidadosa consigo mesma. Cheguei a esta observação por perceber Joana mais conectada com seus sentimentos e disposta a construir uma relação com a mãe sem ressentimentos, mas sim responsável e afetuosa. A cena do choro trouxe para Joana disposição para mudança.

Pontuei para a cliente no momento de compartilhar sobre a vivência dramática, o choro e o silêncio. Joana disse que sempre aconteceu o contrário. Mãe sempre chorou muito e Joana sempre consolou em silêncio.

Disse que chorou por se ver diante da mãe na condição de ser ouvida. Era algo que nunca viveram na relação mãe - filha. A cliente relatou que sentia-se muito julgada pela mãe nos poucos momentos em que tentou falar, quando adolescente, dos problemas que enfrentava.

O choro foi um ato de libertação para o papel de filha e serviu de dispositivo para novas possibilidades na relação com a mãe.

CENA: Jimmy, o gato.

Nesta sessão Joana trouxe questões de sua vida atual, queixou-se de como sua relação com o namorado, Renato, estava caminhando.

Segundo Joana, ela e o namorado estavam brigando com frequência, e sempre depois de terem passado um dia proveitoso juntos. As brigas estavam acontecendo na hora em que chegavam na casa de Joana.

Quando acontecia a briga, dormiam separados. Ele no sofá e Joana no quarto dela.

Enquanto Joana relatava sobre as brigas, fiquei atenta em entender melhor a dinâmica de briga desse casal. Se a situação era: ou Joana inicia uma briga ou Renato inicia, sempre após um dia inteiro juntos, devia haver vantagens no durante ou no pós briga que sustentava essa lógica de conduta no relacionamento.

Com o objetivo de entender melhor esta dinâmica da relação, pedi para que Joana me dissesse um móvel da casa dela que o casal estivesse sempre próximo nos momentos da briga.

Joana disse que a briga acontecia em locais diversos da casa e não conseguiu me dizer um móvel específico. Insisti. Pedi para que fechasse os olhos e fosse até o momento da briga, na casa dela. Perguntei o que tinha por perto deles, estimulando que a cliente experimentasse observar a briga por outro ângulo.

Joana disse de forma bastante espontânea: O Jimmy, meu gato. Ele é muito grudento e fica o tempo todo perto da gente.

Pedi para que a cliente continuasse de olhos fechados e a aqueci para despir-se de si e tomasse o papel do Jimmy. Dei a instrução para que abrisse os olhos apenas quando fosse o Jimmy.

Abriu os olhos após alguns segundos e iniciamos a entrevista com o gato.

Para que Joana se apropriasse mais do papel de gato, fiz perguntas do tipo: quantos anos você tem; há quanto tempo mora com Joana; onde gosta de dormir na casa.

Quando pude perceber que ela estava bem aquecida e jogando no papel de Jimmy, iniciei a entrevista no papel sobre o relacionamento de Joana e Renato.

Terapeuta (T): Você conhece o Renato?

Jimmy (J): Sim, ele vem aqui em casa todo fim de semana, brinca bastante comigo.

T: Então você gosta quando ele vem, né?

J: Sim, eu sou um pouco carente e ele gosta de fazer carinho e brincar comigo. A Joana não faz tanto carinho como ele, não deixa nem eu dormir na cama com ela.

T: Entendi, então a Joana é menos carinhosa que o Renato, é isso Jimmy? Mas você fica pedindo muito carinho para ela, ou já desistiu?

J: É, a Joana tem seus momentos, tem hora que ela nem quer me ver, outros momentos ela deixa eu ir no colo dela para dormir. Eu aprendi que esse é o jeito dela, ela me trata bem. Não desisti, mas peço menos carinho para falar a verdade. Como eu sou um gato, consigo sentir a energia dos humanos, e sei quando estão de bom humor e quando não.

T: Ahhh sim, então quer dizer que você entende os sinais da Joana, não pede o que ela não quer dar no momento, é isso?

J: Sim, até porque tem momentos que eu quero ficar no meu canto também. A Joana entende quando estou assim.

T: E o que você acha quando a Joana e o Renato brigam?

J: Muito chato, a Joana fica nervosa e ele também.

(Alguns segundos de silêncio e então Jimmy continuou...)

J: O bom é que ele acaba dormindo no sofá e aí eu durmo com ele. Já que a Joana nunca deixa eu dormir com ela, eu durmo com o Renato.

T: Então essa briga tem lado bom também, não é Jimmy?

J: Ahh, para mim sim....pensando bem, a Joana não gosta de dormir com outras pessoas na cama dela, não é só comigo que ela não gosta, sabe?

T: Então você quer dizer que ela não quer dormir com o Renato também?

J: Não que ela não goste dele, é que a Joana tem sono super leve, acorda com qualquer movimento ou barulho. Quando o Renato dorme na cama com ela, Joana não dorme, passa a noite toda acordada.

T: Será que ela arranja um motivo para brigar com o Renato para ele dormir no sofá, Jimmy?

J: Ahh...

(Ficou em silêncio novamente por alguns segundos e continuou...)

J: Eu acho que sim. Ela não sabe dizer para ele que não consegue dormir com outra pessoa na cama, tem medo de magoar ele, eu acho.

T: Mas será que não acaba magoando com as brigas?

J: Não tinha pensado nisso. Parece que sim.

Encerrei a dramatização me despedindo do Jimmy e solicitando que Joana retornasse para a sessão.

Joana disse que não tinha pensado que estivesse brigando para que Renato dormisse no sofá, mas que o Jimmy estava certo, ela não consegue dormir bem com alguém na cama junto com ela.

A cliente compartilhou sua sensação de que não estava conseguindo respeitar seus sentimentos e limites na relação com namorado e que isso estava adoecendo a relação, lembrou de sua relação com a mãe por instantes.

Perguntei para Joana: como você se sente quando vai chegando o fim de semana?

Respondeu: “Nossa, pensando agora, na sexta feira eu já acordo de mau humor, porque eu não tenho dormido bem nos finais de semana, e a semana tem sido tão cansativa no trabalho. Sinto que não estou descansando mais. Acho que isso também ajuda eu a ficar mais irritada com Renato.”

Terminamos a sessão com Joana se propondo a ser mais honesta com seus limites e sentimentos, assim como com o namorado. Rompendo com a lógica de conduta de se calar e fazer o que o outro quer ou tornando-se agressiva para se defender do que não quer.

Esta conduta fez parte de sua adolescência, quando ou se calava na relação com a mãe, ou agia com agressividade, brigando.

8. Considerações finais.

“[...] As conclusões são sempre provisórias. O inacabar, longe de ser empecilho, é a própria definição da existência [...]” (Wilson Castello de Almeida, 2006)

Com este dizer de Wilson Castello, escrevo estas considerações finais, com a intenção de que o tema não se esgote e que possam haver outros trabalhos no meio psicodramático acerca do tema “mitos familiares”. Nesta pesquisa, foram correlacionados os conceitos mitos e as lógicas afetivas de conduta, de Maria da Penha Nery, e assim convido os pesquisadores, psicodramatistas ou não, a pensar outras correlações conceituais acerca do tema mitos familiares.

Assim, as últimas considerações deste estudo tem o caráter de tentar amarrar o conteúdo pesquisado, correlacionar com o desenvolvimento do estudo de caso da cliente Joana e tecer as impressões finais.

Esta pesquisa teve como propósito fomentar a reflexão acerca das afetações que o mito familiar tem sob os papéis e vínculos, podendo fixar o indivíduo a comportamentos repetitivos em determinadas situações e que podem adoecer, como o caso estudado.

Tendo em vista os diálogos teóricos entre os autores no decorrer deste estudo, foi possível coconstruir com a multiplicidade de designações acerca do tema trabalhado, manejos de trabalho psicodramático clínico possibilitando detectar quais as lógicas afetivas de conduta que denunciam o mito familiar inconsciente e assim, propiciar no estudo de caso o encontro entre Joana e seu mito, tornando possível atualizá-lo e transformá-lo.

“Não importa o que fizeram de mim, importa é o que eu faço com o que fizeram de mim.” (Jean-Paul Sartre, 1946). Penso que com esta ideia de Sartre, confirmo um dos objetivos deste estudo que é a importância de trabalhar os mitos familiares dos clientes no processo psicoterapêutico. Ao propiciar o encontro do cliente e seu mito familiar, há também o processo de responsabilização perante o mito conservado, assim é possibilitado com o psicodrama que o cliente transforme o próprio mito, tornando-o mais conectado com suas próprias crenças e valores.

No processo psicoterapêutico de Joana a transformação do mito familiar ocorreu quando a cliente experimentou em diversas sessões psicodramáticas viver seu mito de outra forma, saindo da condição de ser abandonada para a condição de reconhecer suas próprias forças e valores, aprender a ter prazer em ficar apenas consigo mesma e então criar suas próprias crenças quanto ao relacionar-se com o outro, tornando-se mais responsável pela relação e não passiva prestes a ser abandonada.

Este estudo foi importante para meu crescimento como profissional no aspecto do papel de pesquisadora, em que atuei pela primeira vez produzindo um trabalho no caráter de monografia e que representa o desenvolvimento do *role-taking* ao *role-playing* deste papel de pesquisadora psicodramatista.

No aspecto profissional de terapeuta clínica, a presente pesquisa me abriu muitos caminhos como já relatado anteriormente, acerca do olhar para o que vem antes do indivíduo, seus papéis. Posso dizer que me sinto mais capacitada para desenvolver um trabalho com o cliente após a pesquisa realizada, apesar de reconhecer que há um caminho longo de estudo em minha vivência como psicóloga psicodramatista.

Assim, encerro este estudo com a consciência de seu aspecto inacabado, em que há muito a ser percorrido acerca do tema proposto, mas satisfeita com o processo teórico-prático desenvolvido.

Referências:

ALMEIDA, Maria Emília Souza. **Pelo avesso da cultura: representações psíquicas do feminino**. Editora Cabral, 1992.

ALMEIDA, Wilson Castello. **Psicoterapia Aberta: o método do psicodrama, a fenomenologia e a psicanálise**. São Paulo: Ágora, 2006.

BOUQUET, Carlos Martínez. **Fundamentos para una teoría del psicodrama**. Argentina: Siglo Vientiuno, 1977.

BRITO, Valéria. **Um convite à pesquisa: epistemologia qualitativa e psicodrama**. In: MONTEIRO, André Mauricio ;MERENGUÉ Devanir. Pesquisa Qualitativa e Psicodrama. ÁGORA, 2006. P.15-55.

BUSTOS, Dalmiro Manuel. **Nuevos Rumbos en Psicoterapia Psicodramática: individual, pareja y grupo en función social**. Editorial Momento, 1985.

_____. **Perigo...amor à vista!: drama e psicodrama de casais**. São Paulo: Aleph, 1990.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo**. Corpo educado - pedagogias da sexualidade. LOURO, Guacira Lopes (org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GONÇALVES, C. S.; ALMEIDA, W.C.; WOLFF, J.R.. **Lições de Psicodrama: Introdução ao Pensamento de J. L. Moreno**. 4ª ed. São Paulo: Àgora, 1988.

CUKIER, Rosa. **Palavras de Jacob Levy Moreno: vocabulário de citações do psicodrama, da psicoterapia de grupo, do sociodrama e da Sociometria.** São Paulo: Ágora, 2002.

_____. **Psicodrama bipessoal: sua técnica, seu terapeuta e seu paciente.** São Paulo: Ágora, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, volume1.** Rio de Janeiro: ed.34, 1995.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREUD, Sigmund. **Collected papers, V.1.** in. Fundamentos do Psicodrama. P. 16. São Paulo: Ágora, 2014.

GUEDES, Maria Eunice Figueiredo. **Gênero, o que é isso?** Revista psicologia ciência e profissão. P 4-11, 1995.

KESSELMAN, Hernán; PAVLOVSKY, Eduardo. **A multiplicação dramática.** Buenos Aires: Hucitec, 1989.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand Lefebvre. **Vocabulário da Psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes, 2016.

MENEGAZZO, Carlos Maria. **Magia, Mito e Psicodrama.** São Paulo: Ágora, 1994.

MORENO, Jacob Levy; MORENO, Zerka Toeman. **Fundamentos do Psicodrama.** São Paulo: Ágora, 2014.

MORENO, Jacob Levy. **Psicodrama.** São Paulo: Cultrix, 2014.

_____. **Psicoterapia de Grupo e Psicodrama.** São Paulo: Mestre Jou, 1974.

NARVAZ, Martha; NARDI, Henrique Caetano. **Problematizações feministas à obra de Michel Foucault.** Revista mal-estar e subjetividade. Fortaleza – Vol. VII – Nº 1 – p. 45-70, mar/2007.

NERY, Maria da Penha. **Vínculo e afetividade: caminhos das relações humanas.** 3ed. São Paulo: Ágora, 2014.

PERAZZO, Sergio. **Fragments de um Olhar Psicodramático.** São Paulo: Ágora, 1999.

REÑONES, Albor Vives. **O riso doído: atualizando o mito, o rito e o teatro grego.** São Paulo: Ágora, 2002.

RUBINI, Carlos Jose. **O conceito de papel no psicodrama.** Revista Brasileira Psicodrama, 45-62, 1995.